



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

FRANCIELLY HATTORI

HOMEM NOVO:

ÍDEAL NACIONAL E RELIGIOSO NA ALEMANHA DE 1914-1945

LONDRINA

2009

FRANCIELLY HATTORI

HOMEM NOVO:

ÍDEAL NACIONAL E RELIGIOSO NA ALEMANHA DE 1914-1945

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares.

LONDRINA

2009

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H366h Hattori, Francielly.
Homem novo: ideal nacional e religioso na Alemanha de 1914-1945 / Francielly
Hattori. – Londrina, 2009.
63 f.: il.

Orientador: Marco Antonio Neves Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História –
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, 2009.
Inclui bibliografia:

1. História social – Religião – TCC. 2. Religião – Alemanha – TCC. I.
Soares, Marco Antonio Neves. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de
Letras e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 930.1:282

FRANCIELLY HATTORI

HOMEM NOVO:

IDEAL NACIONAL E RELIGIOSO NA ALEMANHA DE 1914-1945

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado.

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso defendida e aprovada pela Banca Examinadora em 10 de dezembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares
Departamento de História
Orientador

Prof. Dr. Fabio Lanza
Departamento de Ciências Sociais
Banca

Prof. Dr. José Fernandes Weber
Departamento de Filosofia
Banca

Londrina, 10 de Dezembro de 2009.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com o apoio de várias pessoas, direta ou indiretamente. Ele é o produto final de momentos inesquecíveis.

Primeiramente agradeço a Deus e a Maria por te me dado estabilidade emocional para levar em frete este curso e por tê-lo concluído.

Aos meus pais, Valdir e Jurema e irmãos Helisson, Lincoln e Gleice por estarem do meu lado a todo o momento desta minha caminhada, me auxiliando nos momentos mais conturbados e felizes de minha vida acadêmica.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares, por ter aceitado a proposta de me orientar, por seus comentários e seu vasto conhecimento que me auxiliou na compreensão do período e do tema aqui trabalhado.

Ao Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva, que também me auxiliou no processo de conhecimento sobre as religiosidades, que foram de extrema importância na confecção deste trabalho.

Aos demais professores que tiveram seu papel fundamental em minha formação acadêmica.

A Ir. Celina e aos adeptos da Liga Feminina de Schoenstatt, que me emprestaram parte das fontes aqui utilizadas.

E também as minhas colegas Celina, Valéria, Ellen, Tamara, Cristina, Vanessa, que caminharam comigo até esta etapa, ajudando na concretização de minha pesquisa, mas também por terem me proporcionado momentos de divertimento e descontração que tornaram mais leve a conclusão deste trabalho.

Os erros, falhas, omissões aqui cometidos são de minha inteira responsabilidade.

HATTORI, Francielly. **Homem novo**: ideal nacional e religioso na Alemanha de 1914-1945. 2009. 63 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, denominado *Homem Novo: ideal nacional e religioso na Alemanha de 1914-1945*. Procurou apresentar, a construção do ideal de "homem novo" na sociedade alemã na primeira metade do século XX, por meio do discurso religioso existente no Movimento Apostólico de Schoenstatt. Primeiramente buscou exibir o histórico, a edificação desse grupo religioso na Alemanha por meio dos seus documentos oficiais, quais os diálogos e reflexos existente da sociedade em seu interior e qual momento apresentou-se a idéia de "homem novo", para esse grupo. Em seguida procurou expor a construção da idéia de "homem novo" presente na sociedade alemã, visualizado no discurso nazista por meio de ferramentas no qual evidenciamos a utilização da música. E no terceiro e ultimo momento apresentou a formulação e o desenvolvimento do ideal de "homem novo" no grupo religioso estudado. Para a leitura e análise das fontes utilizamos do trabalho de Jacques Le Goff, na leitura desses documentos como Documento/Monumento. As fontes primárias foram os Documentos de Fundação do Movimento de Schoenstatt escrita pelo Pe. Josef Kentenich e um Programa de Introdução ao Movimento e a secundária foi uma obra bibliográfica denominada *Padre Josef Kentenich. Uma vida pela Igreja* feita pelo Pe. Engelbert Moonnerjahn. Para a análise teórica dos acontecimentos apresentados pelas fontes, utilizou-se o trabalho dos sociólogos Franz Boas, Peter Ludwig Berger; do geógrafo Yi-Fu Tuan, para assim identificar a relação do indivíduo e sociedade, o que viria a ser o sagrado para o homem e a relação homem e lugar e também para compreender a construção de uma pedagogia religiosa-moral nesse período.

Palavras-chave: Movimento de Schoenstatt, Pe. Josef Kentenich, Homem Novo, Alemanha 1914-1945.

HATTORI, Francielly. **Homem novo**: ideal nacional e religioso na Alemanha de 1914-1945. 2009. 63 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ABSTRACT

This Conclusion of course, called New Man: national and religious ideal in Germany from 1914-1945. Sought to present the construction of the ideal "new man" in German society in the first half of the twentieth century, through the existing religious discourse in the Schoenstatt Movement. First tried to view the history, the construction of this religious group in Germany through its official documents, which the existing dialogues and reflections of society in it and what time presented the idea of "new man" for this group. By following the construction sought to expose the idea of "new man" present in German society, viewed in Nazi speech by using tools in which we have shown the use of music. And in the third and last time made the formulation and development of the ideal "new man" in the religious group studied. For the and analysis of sources used the work of Jacques Le Goff, in reading these documents as Exhibit/Monument. The primary sources were the Foundation Documents of the Schoenstatt Movement written by Father Josef Kentenich and Program Introduction to the Movement and the secondary literature was a book called Father Josef Kentenich. A life for the Church made by Father Engelbert Moonnerjahn. For the theoretical analysis of the events given by the sources, we used the work of sociologists Franz Boas, Peter Ludwig Berger; the geographer Yi-Fu Tuan, to so identify the relationship of the individual and society, what would be the holy man and the male and place and to understand the construction of a moral-religious teaching in this period.

Keywords: Movement of Schoenstatt, Father Josef Kentenich, New Man, Germany 1914-1945.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT E SUA FORMAÇÃO..	15
3 A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: A BUSCA POR UMA SOCIEDADE E O HOMEM IDEAL.....	31
4 HOMEM NOVO: UM IDEAL NO MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOESNTATT.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito analisar a construção do ideal de homem novo apresentado no Movimento Apostólico de Schoenstatt, grupo religioso católico que surgiu em fins de 1914 na Alemanha e, aqui será compreendido como um grupo imerso na sociedade onde foi criado, no qual também traz em si marcas do seu contexto social e do seu fundador.

Esse grupo religioso teve origem por meio do trabalho do padre palotino Josef Kentenich, natural de Gymnich próximo da cidade de Colônia na Alemanha, nasceu em 18 de novembro de 1885, em uma família de pequenos agricultores¹.

Sua formação educacional esteve relacionada com os aparelhos da Igreja Católica como o orfanato de São Vicente de Obernhausen, fundado pelo confessor de sua mãe, Pe. Savels, o qual possibilitou o início dos estudos de Josef Kentenich, depois aos 14 anos esse decidiu tornar-se padre, e também com o auxílio do Pe. Savels, em 1899, Josef Kentenich foi admitido pela Congregação Missionária dos Palotinos em Ehrenbreitstein, onde realizou seus estudos humanísticos, que consistiu em aulas de religião, alemão, inglês, francês, latim, grego, matemática, história, história natural, filosofia, geografia e teologia.²

Segundo o biógrafo Pe. Engelbert Monnerjahn no ano de 1904, Josef Kentenich terminou o curso secundário, e fora aceito nos cursos de filosofia e teologia, que segundo o autor esses estudos eram denominados de estudos superiores, mas para iniciar seu curso Kentenich deveria realizar um ano de noviciado.³

No primeiro ano de seus estudos 1905, teve aulas de lógica, metafísica, cosmologia, ética e história da filosofia; no segundo ano "[...] ao lado das matérias filosóficas como psicologia, teologia natural e direito natural, foram incluídas disciplinas teológicas como história da Igreja e patrologia⁴ [...]"⁵ E nos últimos anos de estudos dentre 1910-1911, seus estudos foram voltados para, "[...] teologia dogmática⁶, pastoral⁷, direito canônico⁸ e

¹ Cf. LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de Introdução em Schoenstatt**. [s.l. s.n.] [entre 2000 e 2005].

² Cf. MONNERJAHN, Engelbert. **Padre José Kentenich**. Uma vida pela igreja. Tradução de Padre Gilberto Cavani. Santa Maria; Rio Grande do Sul: Palloti 1977, p. 31.

³ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 29-37.

⁴ 1. Conhecimento da vida e das obras dos Padres da Igreja. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁵ MONNERJAHN, 1977, op.cit., p. 38.

⁶ Teologia: O estudo racional dos textos sagrados, dos dogmas e das tradições do cristianismo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

exegese,⁹ [...]”¹⁰ de acordo como Monnerjahan em seus estudos houve também a inserção de uma nova disciplina a "Sociologia" por ele denominada de disciplina moderna. Partindo desse estudo, o autor aponta que Pe. Kentenich elaborou um trabalho que o denominou "Sociologia", o qual segundo o autor esse texto foi dividido em três partes, a primeira abordava as

[...] associações católicas populares. A terceira, que é mais extensa, trata do 'socialismo' e do conceito e história do socialismo em suas raízes espirituais e econômicas de acordo com Hegel e Marx. Trata ainda do trabalho dos social-democratas e também de 'nossas próprias falhas', isto é, das falhas dos cristãos e da Igreja na solução das questões sociais.¹¹

Esse período de estudos também foi marcado por suas adesões dentro do círculo religioso, foi admitido à profissão religiosa, por três vezes em 1906, 1907 e 1908 realizando as promessas temporárias, juntamente com essas promessas foi recebendo as ordens clericais¹², em 1906 a tonsura¹³, em "[...] 1907 as quatro ordens menores de ostiário¹⁴, leitor¹⁵, exorcista¹⁶ e acólito¹⁷. Para a admissão à primeira das ordens maiores, o

Dogmática: 1. Respeitante a, ou próprio de dogma. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM. Dogma: 1. Ponto fundamental e indiscutível duma doutrina religiosa, e, p. ext., de qualquer doutrina ou sistema: 2. Rel. Na Igreja Católica Apostólica Romana, ponto de doutrina já por ela definido como expressão legítima e necessária de sua fé. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁷ Pastoral: 1. Relativo a, ou próprio de pastor; pastoril. 2. Próprio dos pastores espirituais: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁸ Canônico: 2. Conforme os cânones. ~ V. *absolvição* —a, *direito* —, *estrutura* —a, *forma* —a, *horas* —as e *instituição* —a. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁹ Exegese 1. Comentário ou dissertação para esclarecimento ou minuciosa interpretação de um texto ou de uma palavra. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁰ MONNERJAHN, 1977, op.cit., p. 39.

¹¹ Ibid., p. 39.

¹² Ordens: Sacramento que confere o poder de exercer funções eclesiásticas. . FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹³ Tonsura: 2. Corte circular, rente, do cabelo, na parte mais alta e posterior da cabeça, que se faz nos clérigos; cercilho, coroa. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁴ Ostiário: Aquele que abria e fechava as portas do templo e guardava as alfaias do culto. FERREIRA, *ibid.*

¹⁵ Leitor: Aquele que tem o segundo grau na hierarquia eclesiástica das ordens menores. 6. Aquele que, nos seminários ou conventos, lê alto durante as refeições. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁶ Exorcista. Clérigo que recebeu a terceira ordem menor. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁷ Acólito: 1. Aquele que recebeu a ordem do acolitato. 2. Aquele que acompanha e serve, na Igreja Católica, aos ministros superiores. 3. Aquele que acompanha, que ajuda; ajudante, assistente. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

subdiaconato¹⁸, pelas leis da Igreja devia antes ser admitido definitivamente na Congregação dos Palotinos pela profissão perpétua." ¹⁹. E essa só veio ocorrer aos 23 anos em setembro de 1909, e sua ordenação ocorreu em julho de 1910.²⁰

Monnerjahn ainda aponta que como educador Pe. Kentenich iniciou seus trabalhos no seminário de Ehrenbreitstein, onde atuou como professor de latim e alemão. Em 27 de outubro de 1912, aos 26, anos assumiu a tarefa de atuar como diretor espiritual dos jovens seminaristas transferidos de Ehrenbreitstein para Vallendar. Período este que foi marcado por tensões entre os jovens seminaristas e os professores do seminário.²¹ E é neste momento que vemos surgir o embrião do Movimento Apostólico de Schoenstatt, que se confunde com a vida de seu fundador.

No momento que assumiu o posto de diretor espiritual Pe. Kentenich presidiu uma conferência, na qual apontou um método de ensino, que nortearia todas as suas futuras ações, este método segundo Monnerjahn podia ser resumido em três pontos o "[...] 1) A formação de 'personalidades firmes, livres e sacerdotais'. 2) Em comunidade, na convivência comunitária. Finalmente 3) Formação "sob a proteção de Maria".²² Esse método tinha a intenção de gerar uma organização de cunho mariano que serviria para todas as gerações futuras.

Segundo Ana Paula de Oliveira Felix, no período de 1912-1913 Pe. Kentenich fundou juntamente com os seminaristas uma Associação Missionária, que tinha como objetivo beneficiar as missões dos palotinos em relação aqueles que não pertenciam a aquela ordem.

Em 21 de março de 1914 Pe. Kentenich fundou seu grupo mariano, e com a intenção de que se desenvolvesse o culto à Maria, pediu para seus superiores que autorizassem a utilização da capela de São Miguel pelos congregados.

Ana Paula Felix, ainda aponta que "[...] além de uma vinculação à Maria, com a doação da capela, mais tarde (1915) Santuário [...] Pe. Kentenich acreditava poder

¹⁸ Subdiaconato: 1. Dignidade, ordens ou estado de subdiácono. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM. Subdiácono: 1. Clérigo que recebeu a primeira ordem sacra, a imediatamente inferior à de diácono. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁹ MONNERJAHN, 1977, op. cit., p. 43-44.

²⁰ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 23-46.

²¹ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 48-53.

²² Ibid., p. 52.

desenvolver em seus alunos a vinculação a um lugar, tornando-se esta capelinha o centro da comunidade da vida da congregação, símbolo [...]."²³

O ano de 1914, também foi marcado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial em julho, período que coincidiu com o momento de férias de verão, dos jovens do seminário. Com o retorno deles no início de outubro, Pe. Kentenich anunciou a autorização do uso da capela, essa conquista foi apresentada por meio de uma conferência que deu origem ao Primeiro Documento de Fundação e também ao grupo, por meio de uma consagração. Nessa conferência Pe. Kentenich apresentou-lhes também a idéia de transformar aquela capela em um santuário.

Com o desafio lançado em outubro de 1914, Pe. Kentenich nas férias de verão de 1915 apresenta aos congregados um “método” para a formação do santuário. Esse método seria um contrato bilateral feito com Maria, o qual foi denominado *Aliança de Amor*,²⁴ esse acordo se realizaria na forma de troca de favores que seria realizado pelo *Capital de Graças*.²⁵

Durante o período da Primeira Guerra os jovens que foram para frente de batalha e, continuaram a manter contato com o padre fundador e para não se desvincularem da congregação, dessa forma também passaram a conquistar novos adeptos formando assim a *Congregatio Militaris ou Organização Externa*.²⁶ Para que a congregação não perdesse seu foco (o santuário), o fundador do movimento passou a manter contato direto e intenso com os congregados por meio de uma revista por ele fundada e titulada de *Mater Ter Admirabilis*.

Com o término da Primeira Guerra Mundial, os alunos enviados para o *front* retornam a Schoenstatt para terminar seus estudos, e os novos participantes poderiam vir a não mais participar desse grupo. Devido grandes insistências para que a *Organização Externa*

²³ FELIX, Ana Paula de Oliveira. **Josef Kentenich e o movimento apostólico de Schoenstatt**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa associado UEL/UEM, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná: 2003, p. 11.

²⁴ Termo utilizado por este grupo para designar a primeira consagração realizada pelos adeptos, que é visto como um compromisso selado entre eles e o “sagrado” visualizado pela figura de Maria, no dia 18 de outubro de 1914 e por eles definido com esses termos:

"A Aliança de Amor é uma inclusão no Ato da Fundação de 18 de outubro de 1914. Por isso, só é possível viver a Aliança de Amor, a partir das exigências e promessas do Documento de Fundação. [...] Elas nos indicam claramente a reciprocidade do compromisso, assumido pela Aliança de Amor." Cf. LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de Introdução em Schoenstatt**. [s.l. s.n.] [entre 2000 e 2005], p. 57.

²⁵ Termo que atribui ao Santuário o significado de “banco”, no qual é depositados orações e sacrifícios para a obtenção de graças seja ela pessoal ou não, para assim tornar o Santuário um local de graças por meio dos sacrifícios de seus integrantes. Ou seja, por meio de orações de seus adeptos este lugar se tornaria um lugar sagrado. Apresentado por eles desta forma.

"No Movimento de Schoenstatt, '**Capital de Graças**' significa que o Santuário é como um banco, no qual depositamos todos os nossos esforços de orações e auto-educação, para que renda 'juros' espirituais, não somente para nosso benefício pessoal, mas para o bem da Igreja e de todos os membros do Movimento. [...]" Cf. LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de Introdução em Schoenstatt**. [s.l. s.n.] [entre 2000 e 2005], p. 71.

²⁶ MONNERJAHN, 1977, op. cit., p. 64.

não se diluísse, em 20 de agosto de 1919 a Congregação de Estudantes de Schoenstatt e a Organização Externa, passaria a se chamar União Apostólica sendo que essa deveria estar vinculada ao Santuário e a Schoenstatt para sua organização e formação.²⁷

Um ano após a fundação da União Apostólica, é fundada a Liga Apostólica em 1920, esta facilitava o ingresso de pessoas, pois não impunha às mesmas tarefas que a União possuía. A Liga tinha o papel de se fazer presente na Igreja e na sociedade, essa assumiu uma atitude mais abrangente, que incluiu em sua formação homens, mulheres de várias idades e posições sociais. No entanto, assim como a União essa também trabalharia em função da renovação religioso-moral da Alemanha.²⁸

Com a formação e a estruturação desses dois grupos, a Congregação Mariana fundada em 14 de abril de 1914 passou a ser chamada de Movimento Apostólico de Schoenstatt nomenclatura que perdura até hoje.

Segundo Monnerjahn, cinco anos após a formação da Liga, foi formado em 1925 o Instituto Irmãs de Maria, inicialmente não aceito pelos superiores palotinos. E somente em outubro de 1926 foi dado ao grupo de irmãs o direito de fundar o Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt.²⁹

Em 24 de março de 1933 a frágil república alemã é derrubada com um golpe de Estado, e que foram dados a Adolf Hitler plenos poderes para a administração e formação do Estado alemão.

Desde o golpe o Movimento Apostólico de Schoenstatt se viu perseguido pelo regime nazista, em abril de 1933 o seminário maior dos palotinos em Vallendar, foi ocupado pela Gestapo³⁰ e transformado em escola nazista. Em 1935 a SS³¹ elaborou um relatório sobre as associações católicas, e neste relatório o Movimento de Schoenstatt foi visto como

[...] organização notavelmente perigosa ao espírito e à finalidade da ‘nova’ Alemanha, isto é, da Alemanha dominada por Hitler. O relatório criticou principalmente três pontos no Movimento de Schoenstatt: 1º) O mesmo atribui-se, de maneira habilidosa, os ideais do nazismo, como exemplo o heroísmo. 2º) O movimento de Schoenstatt, em concorrência com o nazismo, aspira nada menos que a renovação da Alemanha. 3º) O movimento de Schoenstatt está a serviço da Ação Católica e prepara células de elite para a mesma. [...].³²

²⁷ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 64-77.

²⁸ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 82-85.

²⁹ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 93-96.

³⁰ Gestapo: Designação dada à polícia secreta alemã.

³¹ SS: Tropas militares denominadas de esquadrões de proteção da polícia nazista.

³² MONNERJAHN, 1977, op. cit., p. 118.

Além das perseguições dos nazistas o movimento também enfrentou no período de 1935 a 1938, o primeiro impasse em relação ao seu reconhecimento como movimento católico por parte da hierarquia da Igreja Católica. A dificuldade para este reconhecimento estava vinculada a alguns termos³³ por eles utilizados e que são apresentados por Monnerjahn. Termos que eram considerados pela Igreja Católica modernos, incomuns e artificiais que não dialogavam com o sagrado. Este impasse entre o Movimento de Schoenstatt e a Igreja Católica por meio da Santa Sé se estendeu até 1965.³⁴

Em meio a essa situação e estando no aniversário de 25 anos de fundação do movimento Pe. Kentenich envia-lhes da Suíça uma carta denominada “Palavras à Hora”,³⁵ e hoje visto como o Segundo Documento de Fundação. Esta carta apresentou aos congregados novos objetivos para o Movimento.

O novo objetivo apontado pela carta foi a “Carta Branca”,³⁶ que apresentou por meio da entrega total de si a possibilidade de se formar o Homem Novo. E este para eles tinha o papel de salvar a vida cristã ameaçada pelas circunstâncias do seu tempo, como a guerra, a incredulidade, a falta de uma conduta moral, entre outros.

Outro momento assinalado como importante para a história deste grupo, se refere ao dia 11 de março de 1942, dia de sua transferência para o Campo de Concentração de Dachau.

No campo de Concentração de Dachau que Pe. Kentenich elaborou o Terceiro e último Documento de Fundação de sua obra. Que foram três conferências realizadas dentro do campo de concentração, que mostrou o desdobramento do processo de formação do "homem novo", representado pela idéia de expansão de sua obra³⁷.

³³ Segundo Monnerjahn os termos utilizados eram: "idéias especiais", "vinculação", "aliança de amor", "capital de graças", entre outras, que se tornaram alvo de críticas pela Igreja Católica. Cf. MONNERJAHN, Engelbert. **Padre José Kentenich**. Uma vida pela igreja. Tradução de Padre Gilberto Cavani. Santa Maria; Rio Grande do Sul: Palloti 1977, p. 122-133.

³⁴ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 122-133.

³⁵ KENTENICH, Pe. José. **Documentos de Schoenstatt**. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt, 2002, p. 67.

³⁶ Termo utilizado pelos adeptos para designar o que posteriormente se tornaria o Segundo Documento de Fundação, esta que estaria ligada a entrega de sua vida em relação ao sagrado.

³⁷ Mas sua vida não termina no campo de concentração de Dachau. Em março de 1945 é assinada a libertação do Pe. Kentenich do campo de Concentração de Dachau, em maio do mesmo ano ele chega a Schoenstatt. Em março de 1947 Pe. Kentenich teve uma audiência privada com o Papa Pio XII, em março do mesmo ano é o início da primeira viagem do fundador do Movimento para a América do Sul, onde ele visitou o Brasil, Uruguai, Argentina e o Chile.

No Brasil ele visitou a cidade de Santa Maria e Santa Cruz do Sul no estado do Rio Grande do Sul, o Jaraguá nos arredores do estado de São Paulo e também o Rio de Janeiro, com o término da primeira viagem em outubro do mesmo ano.

Partindo dessa construção de um projeto pedagógico e pela curiosidade de saber qual a relação existente entre o Movimento Apostólico de Schoenstatt com o seu tempo, é que objetivamos pesquisar a construção da idéia de homem novo na Alemanha no período de 1914 a 1945.

Para compreender a construção desse homem novo, dividimos essa pesquisa em três momentos.

Primeiramente procuramos evidenciar como se deu a construção desse movimento em relação ao seu tempo, quais características que ele apresentava de sua sociedade e também a construção de sua identidade por meio da memória.

Posteriormente apresentamos brevemente a construção da idéia de homem ideal na sociedade alemã posterior a sua unificação e quais os desdobramentos que essa idéia teve após o fim da Primeira Guerra Mundial. No qual apresentamos parcialmente o modelo e as ferramentas para a formação desse homem idealizado pelo nazismo.

No terceiro momento especificamos quais as características existentes no homem novo moldado pelo Movimento Apostólico de Schoenstatt, no qual evidenciaremos como, quem e onde ele se formaria, e qual seria o objetivo dessa formação.

E por fim apresentaremos as considerações finais, que recebera este título, devido às futuras e diferentes abordagens que esse tema pode proporcionar, tanto em uma pesquisa histórica como em outras áreas do saber.

Foi também a África do Sul, onde ficou de dezembro de 1947 até abril de 1948. Em abril do mesmo ano voltou ao Brasil e deu a benção da pedra fundamental do santuário que seria construído em Londrina no estado do Paraná.

Em 1949 Pe. Kentenich termina a primeira parte da resposta ao Relatório da Visitação apostólica do Vaticano a Schoenstatt. Em 1950 volta a Europa passando por Roma, Suíça e Alemanha. Em 1951 volta para a América do Sul, em abril foi iniciado o processo de Visitação Apostólica da Obra de Schoenstatt, em setembro desse ano é decretado pela Santa Sé o afastamento do Pe. Josef Kentenich de sua obra e, em dezembro é também decretado o seu afastamento da Europa. Em agosto de 1953, foi finalizada a Visitação Apostólica da Obra de Schoenstatt pelo Santo Ofício, culminando na confecção do Documento do Santo Ofício ao Superior Geral dos palotinos sobre o Movimento de Schoenstatt em junho de 1956.

Em janeiro de 1958 o Santo ofício elaborou algumas instruções a respeito do documento por eles confeccionado. Nos anos de 1962, 1963, 1964 teve vários pronunciamentos em favor a autonomia do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

No início de 1965 Paulo VI, confirmou por um documento pessoal a autonomia jurídica a esse movimento. E em setembro desse ano Pe. Kentenich foi chamado a comparecer em Roma, e em outubro a Secção plenária dos cardeais do Santo Ofício suspenderam todos os decretos referente ao fundador do Movimento, no mesmo mês Paulo VI confirma a decisão dos cardeais, em dezembro de 1965 Pe. Kentenich foi autorizado retornar a Schoenstatt, e fez isso em março de 1966.

Em 15 de setembro de 1968 Pe. Kentenich faleceu e sepultado na Igreja da Adoração. Seis anos após a sua morte em 1974 a Santa Sé autorizou a abertura do processo de sua beatificação. Cf. MONNERJAHN, Engelbert. **Padre José Kentenich**. Uma vida pela igreja. Tradução de Padre Gilberto Cavani. Santa Maria; Rio Grande do Sul: Palloti 1977, pp. 265-279.

2 O MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT E SUA FORMAÇÃO

Na análise da formação de um grupo religioso, assim como um indivíduo, estes devem ser vistos como parte de uma sociedade, pois de acordo com Franz Boas “[...] o indivíduo só pode ser compreendido como parte da sociedade à qual ele pertence, e que a sociedade só pode ser compreendida com base nas inter-relações dos indivíduos seus constituintes. [...]”³⁸. Ou seja, o Movimento Apostólico de Schoenstatt, grupo religioso católico que surgiu em fins de 1914 na Alemanha, deve ser compreendido como um grupo imerso na sociedade onde foi criado e que também traz em si marcas do seu contexto histórico-social.

Sabe-se que este Movimento é um grupo religioso, ou seja, “[...] é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. [...]”³⁹ e sagrado aqui se entende como “[...] uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, [...]”.⁴⁰

A ocorrência da fundação deste grupo de coincidir com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pode nos propor a idéia de que sua função seria a de

[...] manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimamente tem, contudo, outra importante dimensão – a integração em um nomos compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida. [...].⁴¹

O Movimento Apostólico de Schoenstatt surgiu na cidade de Vallendar centro oeste da Alemanha às margens do Rio Reno, na arquidiocese⁴² de Trêves, e apresenta como data de fundação o dia 18 de outubro de 1914, ano em que houve a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Mas algumas das idéias que fundamentaram este grupo são antecessoras a este período, e podem ser visualizadas em dois momentos, que são apresentados nas fontes

³⁸ BOAS, Franz. Alguns problemas da metodologia nas ciências sociais. In: **Antropologia cultural**, 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 53.

³⁹ BERGER, Peter Ludwig. Religião e Construção do Mundo. In: **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38.

⁴⁰ Ibid., p. 38.

⁴¹ Id. p. 55.

⁴² Arquidiocese: 1. Diocese que tem outras sufragâneas; arcebispado. Diocese: 1. Circunscrição territorial sujeita à administração eclesiástica de um bispo ou, por vezes, arcebispo, ou dum patriarca. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. LCD-ROM.

escritas, denominadas *Documentos de Pré-fundação e Conferência na Fundação da Congregação Mariana*.

O primeiro momento data o ano de 1912, mais precisamente em 27 de outubro, no qual o Pe. Josef Kentenich realizou sua primeira conferência, como Diretor Espiritual do Seminário Palotino⁴³ de Schoenstatt, onde atuava como professor de latim e alemão. Essa exposição por ele proferida tinha por finalidade apresentar seu objetivo como diretor e educador, na qual apresentou aos jovens seminaristas a intenção de gerar uma “[...] organização que sirva para todas as gerações futuras. [...]”⁴⁴ Por meio do seguinte lema: “Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos, para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais.”⁴⁵

Essa apresentação posteriormente se tornou o Documento de Pré-fundação do Movimento. No qual foram pronunciados três elementos que se fizeram presente em seu trabalho, o primeiro a idéia de auto-educação, segundo a formação de homens com personalidades firmes, livres e sacerdotais e por último a relação com o sagrado, visualizado na figura de Maria.

O segundo momento é marcado pela conferência que fundou a Congregação Mariana⁴⁶ em 14 de abril de 1914, essa conferência assinalou esse Movimento como um grupo mariano e apostólico.

Assim deve ser. Se a Congregação **Mariana** tem direito de existência, necessariamente deve pertencer à sua essência, especial e extraordinária devoção a Maria Santíssima. [...].⁴⁷
[...] o congregado não pode guardar somente no seu interior o amor a Maria, e não deve contentar-se apenas em professá-lo publicamente como os demais. **Por sua admissão à Congregação está obrigado a ser promotor e apóstolo da verdadeira devoção a Maria** entre os seus companheiros da Congregação. [...].⁴⁸

Logo após a fundação da Congregação Mariana, o Pe. Kentenich entrou com um pedido ao seu superior, Pe. Miguel Kolb⁴⁹, na intenção que este cedesse a capela de São

⁴³ Palotinos ou Padres Palotinos, é uma congregação religiosa dentro da hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana fundada em 1835, com o nome de Sociedade do Apostolado Católico pelo Padre Vicente Pallotti.

⁴⁴ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 18.

⁴⁵ Ibid., p. 13.

⁴⁶ Mesmo sendo a fundação da Congregação Mariana este grupo vê como momento de fundação o dia 18 de outubro de 1914, esta data está diretamente relacionada com a utilização da capela da São Miguel Arcanjo.

⁴⁷ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 32. Grifos do autor.

⁴⁸ Ibid., p. 33. Grifos nossos.

⁴⁹ Pe. Miguel Kolb dirigente do Seminário Palotino da diocese de Trèves em Vallendar e amigo do Pe. Josef Kentenich.

Miguel Arcanjo, ou “capelinha” como era chamada, que ficava dentro das propriedades dos palotinos, para que fosse utilizada como local de reuniões para a nova Congregação.

Em julho de 1914 Pe. Kolb autorizou a utilização da capela e paralelamente a esse momento, Pe. Kentenich formulou outro objetivo para o grupo de jovens pertencentes a essa congregação. Esse objetivo foi denominado pelo padre como “idéia predileta”⁵⁰, tanto a autorização para a utilização da capela como a formulação do novo objetivo, ocorreram no período de férias de verão, entre julho e setembro de 1914.⁵¹

Em 28 de julho de 1914 eclodiu a Primeira Guerra Mundial, devido às circunstâncias, os jovens voltaram das férias no mês de outubro, ao retornar encontraram as instalações do colégio sendo utilizadas como hospital militar, assim eles tiveram que se alojar nas antigas instalações do seminário.

Após estes dois momentos, a data que marcou o início da vida deste grupo foi o dia 18 de outubro de 1914, que foi marcada pela organização e construção da capela como Santuário⁵².

O primeiro domingo após o retorno dos jovens, Pe. Kentenich os reuniu na capela de São Miguel Arcanjo, dando início às atividades da nova Congregação, por meio de uma palestra que apresentou como “programa”⁵³ e esse se tornou o Primeiro Documento de Fundação.

Nessa palestra foi apresentado à “idéia predileta” que estava relacionada ao conceito de vinculação, pois Pe. Kentenich assinalava que para se formar um homem de personalidade firme, livre e sacerdotal, esse, além de se auto-educar, deveria também ser um homem vinculado. Percebe-se que essa vinculação se deu por meio da formação do Santuário, por eles terem obtido a autorização para utilizar a capela estabelecendo assim a idéia de pertença para com aquele local:

[...] Esta Capelinha **pertence à nossa pequena família da Congregação**, na qual reina nossa Mãe Celestial. Ela é toda nossa, somente nossa. Sem inveja deixamos para os outros a capela da casa, mais bela do que esta – a casa alugada que tivemos até agora. Alegremo-nos e não permitimos que alguém nos roube esta alegria. Com ela, justificado sentimento de orgulho, hoje faz pulsar mais fortemente nosso coração. [...].⁵⁴

⁵⁰ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 48.

⁵¹ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 56-61.

⁵² Santuário: 1. Lugar consagrado pela religião; lugar santo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM. E visto pelos adeptos como um lugar de graças e peregrinações.

⁵³ Termo utilizado na abertura do Primeiro Documento de Fundação.

⁵⁴ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 47. Grifo nosso.

O outro caracterizou-se pelo próprio objetivo de idéia predileta que consistia em transformar a capela em um lugar sagrado⁵⁵ e de romaria, lugar no qual os congregados estabeleceriam uma relação com o sagrado por meio da construção que possuiria uma dimensão mágica:

Ao contemplar as magnificências divinas do monte Tabor⁵⁶, Pedro exclamou encantado: “Aqui é bom estar! Façamos três tendas” (Mc. 9,5). Estas palavras sempre me voltam à memória e freqüentes vezes me perguntei: **Não seria possível que a capelinha de nossa Congregação se torne nosso Tabor, no qual se manifestem as magnificências de Maria?** Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça. [...] ⁵⁷

Para esse grupo a capela só se tornaria um lugar sagrado por causa da manifestação de Maria naquele lugar, essa manifestação segundo o que foi apresentado, ocorreu devido à entrega e convite dos adeptos da Congregação Mariana, a Maria, para que ela viesse se estabelecer naquele lugar. Essa ação foi vista pelo padre fundador como um ato apostólico para eles próprios e uma herança para os futuros congregados.

[...] Sem dúvida, maior **ação apostólica** não podemos realizar, **herança mais preciosa** não podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a **estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça.** [...] ⁵⁸

Aquele momento foi marcado, também, pela convocação dos alunos para o *front*, pois alguns deles já se encontravam na idade do serviço militar. Pe. Kentenich utilizou da ocasião e os enviou, com o desígnio de que eles se santificassem e libertassem sua pátria dos inimigos. Também era intuito de que eles se tornassem heróis e reafirmassem o objetivo da formação de uma personalidade firme e livre, em prol da Congregação Mariana. Com a

⁵⁵ “[...] os lugares sagrados são locais de hierofania. A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquire caráter sagrado onde quer que ele seja identificado como alguma forma de manifestação divina ou um acontecimento de significado extraordinário. [...]” (TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980, p. 168.) Ou “[...] o sagrado concentra-se em lugares “naturalmente” carregados de poder (fontes, árvores, montes, etc.) mas também em lugares consagrados (templos, igrejas, etc.). [...]” (LE GOFF, Jacques. *Sagrado/Profano.* In: **Enciclopédia Einaudi.** V. 43, Sistemática. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2001, p. 93.) Ambas as definições apreendem o objetivo que o Pe. Josef Kentenich tinha em relação ao local (capela) reservado para aquele grupo.

⁵⁶ Monte Tabor, segundo passagens bíblicas, é o monte em que Jesus se transfigurou diante dos discípulos.

⁵⁷ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 48-49. Grifos nossos.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 49. Grifos nossos.

utilização da figura de Maria, Pe. Kentenich estabeleceu um sentido para as funções dos jovens no *front* e na Congregação expresso nas seguintes palavras:

Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Amo aos que me amam. **Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério os vossos propósitos. Agora tendes a melhor ocasião para demonstrá-lo. Conforme o plano da Divina Providência a grande guerra europeia é meio extraordinariamente proveitoso na obra de vossa santificação. Está santificação exijo de vós. Ela é a armadura a vos revestir, a espada com a qual deveis libertar vossa pátria de seus poderosos inimigos, colocando-a na vanguarda do mundo antigo.**⁵⁹

A idéia de libertar e salvar a pátria de seus inimigos não foi um sentimento exclusivo deles, de acordo com alguns autores como Lionel Richard e Léon Poliakov a sociedade alemã no período que antecede a Primeira Guerra Mundial e durante ela, passou por vários debates relacionados à sua posição como nação⁶⁰, frente a seus inimigos internos e/ou externos.

Lionel Richard⁶¹ aponta que parte dessa sociedade era favorável a guerra, mas que cada grupo envolvido buscava interesses particulares:

[...] a união sagrada, selada por um entusiasmo que, nas ruas de Berlim, se aproximava do delírio, não tinha o mesmo sentido para todo mundo. Para a aristocracia, os oficiais da ativa e uma boa parte da burguesia, ela queria dizer anexações, conquistas territoriais. As massas operárias, pelo contrário, tinham se unido a esse concerto belicista antes de tudo para defender a nação ameaçada. [...].⁶²

⁵⁹ Ibid., p. 50-51. Grifos nossos.

⁶⁰ Segundo Eric Hobsbawm, a idéia de nação [...] estava ligada – e inevitavelmente – àquele fenômeno característico do século XIX, o “Estado-nação”. [...] O Estado não só se fazia a nação mas *precisava* fazer a nação. Os governos, agora iam diretamente alcançar o cidadão no território de sua vida cotidiana, por meio de agentes modestos mas onipresentes, desde carteiros e policiais até professores e em muitos países, empregados das estradas de ferro. Poderiam requerer o compromisso pessoal ativo deles, e circunstancialmente mesmo o delas, com o Estado: de fato, o “patriotismo” de todos. As autoridades – numa época sempre mais democrática, não podendo confiar mais submissão espontânea das ordens sociais aos que lhes eram socialmente superiores, à maneira tradicional, ou na religião tradicional, como garantia eficaz de obediência social - necessitavam de um modo de ligar os súditos do Estado contra a subversão e a dissidência. “A nação” era a nova religião cívica dos Estados. Oferecia um elemento de agregação que ligava todos os cidadãos e um contrapeso aos que apelavam para outras lealdades acima da lealdade ao Estado – para a religião, para a nacionalidade ou etnia não identificadas com o Estado, e talvez, acima de tudo, para a classe. [...].

Os Estados, portanto, criaram “nações”, ou seja, o patriotismo nacional e, pelo menos para certos fins cidadãos lingüística e administrativamente homogeneizados, com especial urgência e zelo. [...].

(HOBSBAWM, Eric, J. Bandeiras desfraldadas: nações e nacionalismo. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1988, p. 212 e 214.)

⁶¹ RICHARD, Lionel. **A república de Weimar, 1919-1933**. 2ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro. 1988.

⁶² Ibid., p. 18.

E apresenta como figura principal deste discurso em favor ao movimento belicista a Liga Pangermanista⁶³, que “[...] Conclamava os povos germânicos à união e preconizava, para proteger a Alemanha, a anexação dos pequenos Estados limítrofes. Para ela, a guerra não era destrutiva, mas salvadora, geradora de progresso para a humanidade. [...]”.⁶⁴

Esta discussão segundo o mesmo autor se tornou comum entre os vários setores daquela sociedade,

[...] a maioria dos jornalistas, escritores, professores e sábios não desejara ficar afastada! Não apenas os que, havia muito tempo, eram conhecidos como partidários das idéias veiculadas pelos meios imperialistas, [...] mas também muitos que até então se haviam mantido à distancia da política. Mesmo os que haviam adquirido renome por seu espírito crítico, como os escritores da geração naturalista, tinham aderido. [...].⁶⁵

Mas entre o fervor coletivo a serviço da guerra, houve grupos que se opuseram à ela e a política imperial vigente, como é o caso da Liga Nova Pátria⁶⁶ e a Liga Spartakista⁶⁷. Esta última segundo o autor, fez aumentar o número de greves e a inserção de jovens, artistas e escritores como militantes pacifistas.

Segundo Lionel Richard muitos que se colocaram como voluntários para a frente de combate em agosto de 1914, após terem convivido com as truculências das trincheiras, se tornaram opositores públicos da política imperial e consecutivamente da guerra.

Com o olhar voltado para o anti-semitismo Léon Poliakov,⁶⁸ aponta de forma similar, a adesão dos alemães judeus para o conflito bélico. Segundo ele a Europa havia caminhado com certo entusiasmo para o que seria seu declínio, ou seja, a guerra. Esta que para os alemães tratava-se de uma luta “[...] por seus direitos de dominação e de participação na administração do planeta [...]”.⁶⁹

Dessa maneira a Alemanha se tornaria uma potência mundial. Este pensamento segundo o autor era uma idéia que estava presente na sociedade, mesmo ao tratar-se dos

⁶³ Liga Pangermanista, segundo Lionel Richard (1988) era uma organização sem representação parlamentar, contrária aos judeus, eslavos e socialistas, e exercia certa admiração sobre as elites.

⁶⁴ RICHARD, 1988, op. cit.; p. 19.

⁶⁵ Ibid., p. 19.

⁶⁶ Segundo Richard (1988) a Liga Nova Pátria, foi uma organização pacifista, lançou um contra manifesto, no qual apontou a Alemanha como um dos países que desejaram a Primeira Guerra Mundial. E foi proibida de continuar suas atividades em 1916 devido às prováveis relações com estrangeiros e com países inimigos.

⁶⁷ De acordo com Lionel Richard (1988) a Liga Spartakista, advém de uma ala revolucionária, de um grupo dissidente do Partido Social-Democrata, denominado de independentes.

⁶⁸ POLIAKOV, Léon. A Primeira Guerra Mundial. In: **Europa suicida – 1870-1933**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 131-153.

⁶⁹ Ibid., p. 131.

alemães judeus que sofreram perseguições antes e durante o episódio desse conflito de proporções mundiais.

Diante desses apontamentos em relação à população alemã e a sua primeira visão sobre a guerra, não podemos afirmar que o Pe. Kentenich ao enviar os jovens para o *front*, com o desígnio de libertar a pátria de seus inimigos, estava somente associado à idéia de um heroísmo em prol do sagrado. Pe. Kentenich estava imerso nesta sociedade e nos debates sobre o nacionalismo definindo a posição que o alemão deveria ter diante dos seus inimigos.

Com o desafio lançado no Primeiro Documento de Fundação, de tornar a antiga capela abandonada em um Santuário, Pe. Kentenich, nas férias de verão de 1914, e no retorno dessas férias Pe. Kentenich apresentou aos congregados um “método” para a formação do santuário. Esse método passou a ser visto como um contrato bilateral feito com Maria, o qual foi denominado *Aliança de Amor*,⁷⁰ esse acordo se realizaria na forma de troca de favores que a partir deste momento seria realizado pelo *Capital de Graças*^{71, 72}

Mesmo no *front*, os jovens continuaram a manter contato com o padre fundador e para não se desvincularem da congregação passaram a reunir os congregados como também os novos adeptos em pequenos grupos, depois denominados de *Congregatio Militaris ou Organização Externa*.⁷³ Para que a congregação não perdesse seu foco (o santuário), o fundador do movimento passou a manter contato direto e intenso com os congregados por meio de cartas, e para que sua comunicação fosse mais direta, Pe. Kentenich fundou uma pequena revista intitulada de *Mater Ter Admirabilis*, que inicialmente estava voltada para os seus pares, e posteriormente assumiu um caráter de divulgação do Movimento e do Santuário.

⁷⁰ Termo utilizado por este grupo para designar a primeira consagração realizada pelos adeptos, que é visto como um compromisso selado entre eles e o “sagrado” visualizado pela figura de Maria, no dia 18 de outubro de 1914 e por eles definido com esses termos:

"A Aliança de Amor é uma inclusão no Ato da Fundação de 18 de outubro de 1914. Por isso, só é possível viver a Aliança de Amor, a partir das exigências e promessas do Documento de Fundação. [...] Elas nos indicam claramente a reciprocidade do compromisso, assumido pela Aliança de Amor." Cf. LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de Introdução em Schoenstatt**. [s.l. s.n.] [entre 2000 e 2005], p. 57.

⁷¹ Termo que atribui ao Santuário o significado de “banco”, no qual é depositados orações e sacrifícios para a obtenção de graças seja ela pessoal ou não, para assim tornar o Santuário um local de graças por meio dos sacrifícios de seus integrantes. Ou seja, por meio de orações de seus adeptos este lugar se tornaria um lugar sagrado. Apresentado por eles desta forma.

"No Movimento de Schoenstatt, '**Capital de Graças**' significa que o Santuário é como um banco, no qual depositamos todos os nossos esforços de orações e auto-educação, para que renda 'juros' espirituais, não somente para nosso benefício pessoal, mas para o bem da Igreja e de todos os membros do Movimento. [...]" Cf. LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de Introdução em Schoenstatt**. [s.l. s.n.] [entre 2000 e 2005], p. 71.

⁷² Cf. FELIX, Ana Paula de Oliveira. **Josef Kentenich e o movimento apostólico de Schoenstatt**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa associado UEL/UEM, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2003, p. 11.

⁷³ MONNERJAHN, op. cit., p. 64.

Com o término da Primeira Guerra Mundial, os alunos enviados para o *front* retornam à Schoenstatt para terminar seus estudos, mas o que ficava em dúvida era em relação aos que não pertenciam⁷⁴ ao Seminário de Vallendar. Devido grandes insistências para que a *Organização Externa* não se diluísse, em 20 de agosto de 1919 a Congregação de Estudantes de Schoenstatt e a Organização Externa, passaria a se chamar União Apostólica sendo que essa deviria estar vinculada ao Santuário e à Schoenstatt.⁷⁵

Segundo Monnerjahn as pessoas pertencentes à União apostólica gostariam que ela tivesse uma inclinação para a política ou que se dedicasse a questões sociais, mas na sua estruturação dentro da comunidade palotina, seu trabalho ficou restrito à religiosidade, pois ficou definido que seu objetivo era a “[...] educação de apóstolos leigos [...]”⁷⁶. Por isso, julgou-se necessário o acompanhamento de um diretor espiritual, a realização de exames particulares por escrito, a elaboração de um horário espiritual e o seu controle, os quais deveriam ser apresentados aos seus superiores.

De acordo com o mesmo autor, um ano após a fundação da União Apostólica, é fundada a Liga Apostólica em 1920, diferentemente da União a Liga facilitava o ingresso de pessoas, pois não impunha às mesmas tarefas que a União possuía. Enquanto a União trabalhava na educação, na formação religiosa a Liga iria fazer-se presente na Igreja e na sociedade, a qual assumiu um caráter mais abrangente, que incluiu em sua formação homens, mulheres de várias idades e posições sociais. No entanto, ambas trabalhariam em função da renovação religioso-moral da Alemanha.

E foi também nesse ano que houve a autorização para a participação de mulheres⁷⁷, em ambos os grupos, a partir daí, houve um crescimento feminino dentro da União Apostólica.

Com a formação e a estruturação desses dois grupos, a Congregação Mariana fundada em 14 de abril de 1914 passou a ser chamada de Movimento Apostólico de Schoenstatt nomenclatura que perdura até hoje.

⁷⁴ Os não pertencentes ao seminário aqui relatado, são novos adeptos, que tiveram contato com a congregação por meio dos grupos formados no *front*, geralmente jovens pertencentes a outros seminários na Alemanha.

⁷⁵ Cf. MONNERJAHN, 1977, pp. 64-77.

⁷⁶ MONNERJAHN, op. cit., p. 79.

⁷⁷ Segundo o autor Pe. Engelbert Monnerjahn, a participação das mulheres na congregação, só foi possível após o aniversário de 35 anos do Pe. Kentenich, que era dirigente e fundador do movimento. A idade de 35 anos, segundo o autor, era a idade mínima exigida pelos palotinos, para que se pudessem realizar trabalhos pastorais com mulheres, antes dos padres completarem a idade exigida, seus trabalhos estavam voltados para o público do sexo masculino.

No dia 13 de janeiro de 1925, foi formado o Instituto Irmãs de Maria, mas esse não foi aceito pelos superiores palotinos. Somente no dia 20 de outubro de 1926 foi dado ao grupo de irmãs provenientes do grupo da União Feminina o direito de fundar o Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt.

Essa formação de grupos, ligas, uniões, apresentada na estrutura do Movimento de Schoenstatt, era comum na Alemanha e essas tiveram um grande crescimento desde o final do século XIX, Lionel Richard em "*A república de Weimar, 1919-1933*", também assinala que essas formações foram conduzidas a nova sociedade alemã no período pós-guerra, pois ele aponta que a sociedade alemã tinha a tendência “[...] de reunir-se em grupos de interesses ou de defesa. [...]”.⁷⁸ No caso do Movimento interesses de cunho religioso-moral.

No período do pós-guerra a Alemanha também passou por diversas mudanças político-sociais. De acordo com Lionel Richard, ela primeiramente deixou de ser Império e se tornou República, por meio de uma revolução,⁷⁹ e essa transformação deu origem a dois poderes rivais dentro do Parlamento alemão. Os majoritários pertencentes ao partido Social-Democrata que buscavam uma República e os spartakistas que eram da ala esquerda dos dissidentes desse mesmo partido, denominados de independentes, estes buscavam também uma República, mas uma República socialista.

O autor aponta ainda, que essa situação permaneceu até meados de janeiro de 1919, período em que os majoritários se puseram contra a ala revolucionária dos independentes, e assim formaram um grupo voltado para a contra-revolução, no qual houve o recrutamento de oficiais, suboficiais, soldados profissionais, tropas do exército imperial e voluntários para estabelecer a ordem por meio da força;⁸⁰ a posse de armas foi proibida a população e foram

[...] fundadas organizações nacionalistas que reagruparam os remanescentes das ligas patrióticas e anti-semitas de antes da guerra (embrião do Partido Nacional-Socialista de Hitler, o partido dos operários alemães data dessa época) e propagam, por palavras de ordem, o combate contra o “bolchevismo” e o judaísmo. [...].⁸¹

Mas segundo Annie Dymetman, o fim da Primeira Guerra Mundial e o caos que essa causou, aumentaram a chances, para que os grupos de trabalhadores organizados tivessem acesso à política, essa ascensão não era vista com bons olhos, pelos grupos mais abastados.

⁷⁸ RICHARD, 1988, op. cit., p. 120.

⁷⁹ Revolução: 2. Rebelião armada; revolta, conflagração, sublevação. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Versão 5.0 [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁸⁰ Esta situação segundo o autor se prolongou o final de 1923.

⁸¹ RICHARD, 1988, op. cit., p. 42.

Gerando assim resistência por parte dos conservadores, com a formação de exércitos paralelos, voltado para o extermínio de opositores políticos. “Mas a violência, sobretudo a eliminação de oponentes políticos, era usada por ambos os lados, entre a esquerda e entre os conservadores. [...]”.⁸²

Em meio a esse cenário, foi mudada a sede para a formulação da nova constituição e para a efetivação da nova República alemã, a cidade que sediou essa assembleia foi à cidade de Weimar, localizada no estado da Turíngia, às margens do rio Ilm. E o período em que vigorou essa constituição foi dado o nome de República de Weimar.

Esta República se tornou efetiva a partir de 11 de agosto de 1919, momento em que foi anunciada a nova constituição, que apresentou a Alemanha como um Estado unitário, no qual,

[...] As 25 províncias do Império tinha sido reduzida a dezessete regiões, com uma autonomia limitada a certas competências legislativas e administrativas. As finanças daí em diante dependeriam do governo central, um governo que resultaria de um Parlamento eleito por sufrágio universal e por escrutínio proporcional, mas que podia ser também de natureza presidencial. O presidente da República seria, com efeito, também eleito para um período de sete anos, por sufrágio universal. Em caso de crise ou de ausência de maioria parlamentar, teria a possibilidade de dissolver o Parlamento e de designar a seu critério um chanceler. [...].⁸³

A liberdade religiosa também foi posta nessa constituição, segundo Richard,

A Constituição de Weimar instituíra, nos limites autorizados pelas leis civis e penais, a liberdade religiosa. Atéia, deísta, panteísta, qualquer associação podia ser reconhecida pela administração com condição de não ferir o direito público. O Estado garantia a sua autonomia e a defendia contra qualquer outra ofensa aos seus princípios, às suas cerimônias ou dependências. A ofensa a Deus, à religião e às crenças era passível de condenação por um tribunal correcional.⁸⁴

Mesmo com a liberdade religiosa promovida pela constituição, a Alemanha no pós-guerra ficou marcada pela diminuição da prática religiosa, que segundo Richard, isto aconteceu devido à industrialização, o fato das pessoas estarem presas às suas obrigações como funcionários, fazendo com que a maioria dos fiéis só participasse do culto religioso aos

⁸² DYMETMAN, Annie. Arquitetura da exclusão absoluta: Três Formas de Particularismo Universalista. In: **Uma arquitetura da indiferença: A República de Weimar**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.61.

⁸³ RICHARD, 1988, op. cit., p. 54.

⁸⁴ Ibid., p. 149.

domingos. E a participação mais fervorosa acontecia no campo, onde os religiosos⁸⁵ eram personagens influentes e animavam a vida comunitária.

Não podemos esquecer que Eric Hobsbawm⁸⁶ também aponta que o recuo sofrido na participação religiosa já era decorrente desde o final do século XIX, a diminuição na participação de fiéis segundo ele estava diretamente relacionada à racionalidade, pois segundo o autor

[...] o avanço do evangelho simples da ciência e da razão foi o recuo dramático da religião tradicional, ao menos no centro dos países europeus de sociedade burguesa. Isto não quer dizer que a maioria da espécie humana estivesse prestes a se tornar “livre-pensadora” (para usar a expressão da época). A grande maioria dos seres humanos, inclusive praticamente todas as mulheres, manteve seu compromisso com a fé nas divindades ou espíritos, bem como com seus ritos, fosse qual fosse sua religião, localidade ou comunidade. [...].⁸⁷

A educação também foi foco dessa mudança, uma das discussões colocadas em pauta foi a participação das camadas populares que se tornou mais evidente na Alemanha neste período. Segundo Lionel Richard, a escola

[...] era gratuita quanto ao ensino, mas não totalmente quanto ao resto. O material de uso corrente ficava a cargo dos pais. Para livros de leitura, o papel, a tinta, as penas, uma pequena taxa lhes era cobrada todo mês: dois marcos em 1924. Só as famílias carentes estavam dispensadas disso. Nas ruas, as filas de escolares haviam mudado. Filhos de operários e de camponeses conviviam com colegas de meios mais abastados. A mesma escola se tornara obrigatória para todos. E para todas. [...].⁸⁸

Mesmo com tais propostas de mudanças a Alemanha no período de 1919 a 1933 permaneceu em instabilidade econômica, devido às dívidas que o governo imperial assumiu durante a guerra, com isso o valor do marco (moeda nacional alemã), sofreu grande queda e o desemprego foi recorrente e crescente. Isso gerou mudanças, nos costumes dos alemães;

[...] No início do século e até 1914, especialmente nos meios operários, os jovens que pretendiam casar-se geralmente esperavam que o rapaz tivesse feito o serviço militar e encontrado uma profissão estável. Por seu lado a

⁸⁵ Religioso: 4. Indivíduo que professa uma religião, ou que fez votos monásticos. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** versão 5.0 [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

⁸⁶ Cf. HOBBSAWM, Eric, J. Razão e sociedade. **A era dos Impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. pp. 362-381.

⁸⁷ HOBBSAWM, Eric, J. Razão e Sociedade. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988, p. 365-366.

⁸⁸ RICHARD, 1988, op. cit., p. 172.

moça trabalhava no seu enxoval. Mas, como a Alemanha estava limitada pelo Tratado de Versalhes a um exército profissional, o serviço militar não existia mais. Quanto à confecção de um enxoval, não passava de uma quimera, e o emprego estável tendia a tornar-se também um sonho! Miséria por miséria, o temor de que a espera durasse anos impelia os jovens a correr o risco de casar-se mais cedo.⁸⁹

De acordo com Lionel Richard o roubo, o aluguel de quartos, a venda do corpo (masculino ou feminino), a troca de trabalho por mantimentos, cigarros, jóias, objetos e obras de arte se tornou corriqueiro nessa sociedade.

Diante dessa situação caótica tanto os partidos de direita como o de esquerda, que segundo a análise de Lionel Richard, não haviam se distanciado da herança do período imperial, se puseram contra o modelo da República de Weimar, e assim passaram a abrir margem para a implantação de uma ditadura.

Essa que veio acontecer em 24 de março de 1933 a República de Weimar foi derrubada com um golpe de Estado, no qual foram dados a Adolf Hitler plenos poderes para a administração e formação de um novo Estado alemão.

Pe. Monnerjahn apontou que desde o golpe o Movimento Apostólico de Schoenstatt se viu perseguido pelo novo regime, e em abril de 1933, o seminário maior dos palotinos em Vallendar, foi ocupado pela Gestapo⁹⁰ e transformado em escola nazista. Em 1935 a SS⁹¹ elaborou um relatório sobre as associações católicas, e neste relatório o Movimento de Schoenstatt foi visto como

[...] organização notavelmente perigosa ao espírito e à finalidade da “nova” Alemanha, isto é, da Alemanha dominada por Hitler. O relatório criticou principalmente três pontos no Movimento de Schoenstatt: 1º) O mesmo atribui-se, de maneira habilidosa, os ideais do nazismo, como exemplo o heroísmo. 2º) O movimento de Schoenstatt, em concorrência com o nazismo, aspira nada menos que a renovação da Alemanha. 3º) O movimento de Schoenstatt está a serviço da Ação Católica e prepara células de elite para a mesma. [...].⁹²

No período de 1935 a 1938, se deu também o primeiro impasse por parte da Igreja em relação ao reconhecimento do Movimento de Schoenstatt como um movimento católico. A dificuldade para este reconhecimento estava atrelada aos conceitos e terminologias termos utilizados, dentre esses termos destacam-se "idéias especiais", "vinculação", "aliança de

⁸⁹ Ibid., p. 97.

⁹⁰ Gestapo: Designação dada à polícia secreta alemã.

⁹¹ SS: Tropas militares denominadas de esquadrões de proteção da polícia nazista.

⁹² MONNERJAHN, 1977, op. cit., p. 118.

amor", "capital de graças", que eram considerados pela Igreja Católica modernos, incomuns e artificiais, os quais não dialogavam com o sagrado⁹³. Este diálogo entre o Movimento de Schoenstatt e a Igreja Católica por meio da Santa Sé se estendeu até 1965.

O Segundo Documento de Fundação fora confeccionado cinco anos após a entrada de Hitler no poder, e um mês depois da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 18 de outubro de 1939 no aniversário de 25 anos de fundação do movimento.

Segundo Maria Helena Rolim Capelato,⁹⁴ neste período o nazismo apresentou uma proposta de aparelhar aquele mundo extirpando o feio, o impuro, o sujo. E ele conseguiu adeptos para este empreendimento, devido à cultura já existente na Alemanha desde o período imperial. No qual o apelo à violência, a manutenção de “[...] Valores como autoridade, hierarquia, orgulho da raça, culto ao exército, espírito de sacrifício, chauvinismo, [...]”⁹⁵ que eram originários do século XIX. Passaram a ser reafirmado no período entre guerras e no pós-golpe, ocasião em que “[...] A formação dos jovens se direcionava para o estímulo à luta e sacrifício da própria vida pela pátria e ideal nazista. [...]”⁹⁶

Segundo a mesma autora, a doutrina nazista, preparava seus jovens⁹⁷ para a morte, e a educação destes estava direcionada para a formação de soldados, os quais tinham na escola o acesso a

[...] trabalhos práticos em contato com a natureza; estudava-se geografia aplicada à estratégia de combate e exercícios de orientação no terreno; a história focalizava os efeitos de arma e os heróis guerreiros. Faziam parte do material de escola, livros sobre Esparta ou estórias de homens nórdicos em combate. Os manuais escolares exaltavam a vitória pelo sacrifício.

Segundo Arnaldo Daraya Contier⁹⁸, o nazismo também utilizou da arte de duas maneiras, como símbolos da "alma do povo" e como ferramenta pedagógica para a formação ‘saudável’, ‘otimista’ e cívica do homem alemão. E de acordo com o mesmo autor, ao apoiarem em uma idéia que exaltava o sangue, a raça, a superioridade e o solo,

⁹³ [...] uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, [...]”.BERGER, Peter Ludwig. *Religião e Construção do Mundo*. In: **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38.

⁹⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: **Revista USP**, Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra. N. 26 (julho/agosto). Coordenadoria de Comunicação Social de São Paulo. São Paulo, 1995, pp. 82-93.

⁹⁵ Ibid., p. 88.

⁹⁶ Ibid., p. 88.

⁹⁷ Estes jovens segundo a autora pertenciam às inúmeras associações, que se desenvolveram na Alemanha, e muitas delas se associaram ao movimento nazista.

⁹⁸ Cf. CONTIER, Arnaldo Daraya. *Tragédia, Festa, Guerra: os coreógrafos da modernidade conservadora*. **Revista USP**. Dossiê 50 anos de Final de Segunda Guerra. N. 26, pp. 20-42, São Paulo, jun. jul. ago. 1995.

desencadearam também dois conflitos o primeiro uma guerra civil no período de 1920 a 1933 e o segundo uma guerra mundial no período de 1933 a 1945. Ambos foram declarados contra seus inimigos, jornalistas, judeus, negros, artistas, e qualquer um que se pusessem opositor a sua organização.

Nesse período Pe. Kentenich estava na Suíça enviou uma carta a seus congregados em 18 de outubro de 1939, denominada “Palavras à Hora”,⁹⁹ e hoje visto como o Segundo Documento de Fundação. Esta carta mostrou aos congregados futuras tarefas que o Movimento deveria realizar, para que eles não cedessem diante das transformações da sociedade.

E o novo objetivo visto neste documento foi a “Carta Branca”,¹⁰⁰ a qual apresenta de maneira explícita o objeto de estudo deste trabalho, o “Homem Novo”, e o que devia ser feito para salvar a vida cristã ali ameaçada,

Com a **Carta Branca** assumimos novamente e de maneira mais profunda a séria e pesada tarefa de ajudar a salvar grande número de verdades de importância vital ameaçadas no organismo do pensamento e da vida cristã. Referimo-nos antes de tudo às tensões entre personalidade e comunidade, liberdade vinculada e vinculação animada; pensamos na sadia ousadia cristã e na vigorosa autonomia; no desinteressado e heróico servir, no espírito de Imaculada e na veracidade, na disposição para a paz e no amor a Deus. **Em resumo, referimo-nos ao novo tipo de homem, ao moderno santo da vida diária, como o bom Deus visivelmente o está exigindo de nós pelas situações do tempo, [...].**¹⁰¹

Este documento também apresenta Maria dentro de uma perspectiva pedagógica, posta como a educadora:

Foi **ela** quem nos presenteou o monumental edifício de nosso sistema ascético e pedagógico que se adapta de modo evidente às peculiaridades do indivíduo e da comunidade, desejadas por Deus. **Ela** nos fez encontrar o ideal pessoal e o ideal de comunidade.¹⁰²
Ela nos educou e formou como Família e como indivíduo, [...].¹⁰³

Outro momento assinalado como importante para a história deste grupo, se refere ao dia 20 de setembro de 1941, dois anos após a confecção do Segundo Documento de

⁹⁹ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 67.

¹⁰⁰ Terno utilizado pelos adeptos para designar uma segunda consagração, na qual esta estaria ligada a entrega de sua vida em relação ao sagrado.

¹⁰¹ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 91-92.

¹⁰² Ibid., p. 73. Grifos do autor.

¹⁰³ Ibid., p. 74. Grifos do autor.

Fundação. Pe. Kentenich foi preso pela Gestapo em Coblença, onde foi interrogado e permaneceu lá por quatro semanas. Depois foi transferido para outra prisão um antigo convento das irmãs carmelitas próximo de Coblença e, ficou lá até o dia 11 de março de 1942, dia de sua transferência para o Campo de Concentração de Dachau.

Foi no campo de Concentração de Dachau que Pe. Kentenich elaborou o Terceiro e último Documento de Fundação de sua obra, e este é composto por três conferências¹⁰⁴ realizadas dentro do campo de concentração, que foi dividida da seguinte forma.

A Primeira data o dia 24 de setembro de 1944, que foi realizada para consagrar novos adeptos adquiridos dentro do campo de concentração de Dachau que é pelo padre denominado de "círculos de elite"; a segunda no dia 18 de outubro do mesmo ano, na qual foi realizada a união¹⁰⁵ entre o Movimento de Schoenstatt e a Comunidade Palotina.¹⁰⁶

Por último a conferência do dia 8 de dezembro de 1944, foi apresentada os termos universalismo e infinitismo, que foram utilizados pelo padre para designar a amplitude, profundidade, que a consagração da "*Aliança de Amor*" deveria ter, para assim poder colocar em prática a "*Inscriptio*",¹⁰⁷ que foi apresentada como o abandono e predisposição total de sua vida ao sagrado, principalmente nos momentos limites:

O coração é o símbolo das faculdades afetivas, do subconsciente e do inconsciente. **Gostaríamos de estar desprendidos de nós mesmos, de tal modo que a vida subconsciente de nossa alma se entregasse sem reservas e incondicionalmente como instrumentos, ao Mestre da Obra.** [...] Abandono de amor ou desprendimento perfeito com o requer a inscription não é possível sem predisposição positiva para a cruz e o sofrimento. O universalismo ou o infinitismo da profundidade exige de nós o perfeito desprendimento no sentido da inscription. Sempre que olharmos o coração, nossos lábios devem formular o pedido: **“pelas mãos da querida Mãe e Rainha Três vezes Admirável de Schoenstatt aceita, Senhor, toda a minha liberdade. Aceita a minha memória, minha razão, toda a minha vontade, todo o meu coração. Deste-me tudo; tudo te devolvo sem reservas. Faze de mim o que quiseres...”**¹⁰⁸

¹⁰⁴ Cf. KENTENICH, Pe. José. **Documentos de Schoenstatt**. 5. ed. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt, 2002, p. 99-123.

¹⁰⁵ A união aqui mencionada diz respeito a uma aliança realizada entre o Movimento de Schoenstatt para com os palotinos da Alemanha em 1944, pois segundo o padre fundador do movimento a congregação palotina teria sido a força motriz para o surgimento desta congregação, e esta conferência se tornou símbolo desta união já existente. Cf. KENTENICH, Pe. José. **Documentos de Schoenstatt**. 5. ed. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt, 2002, p. 110-113.

¹⁰⁶ Cf. KENTENICH, Pe. José. **Documentos de Schoenstatt**. 5. ed. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt, 2002, p. 99-123.

¹⁰⁷ KENTENICH, op. cit., p. 116.

¹⁰⁸ Ibid., p. 116.

Essas divisões temporais apresentada pelas fontes podem estar diretamente vinculadas à idéia de formação da “memória ou identidade coletiva e/ou social” deste grupo, pois de acordo com Michael Pollak a memória é “[...] um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”¹⁰⁹

Segundo o mesmo autor, na maioria das memórias construídas coletivamente, existem balizas ou demarcações invariáveis, que surgem devido à solidificação e organização da memória, que com o passar do tempo não seria possível haver mudanças em sua estrutura, isso devido à identificação que um grupo possui com a construção de um evento por meio da memória.

Neste caso podemos relacionar os Documentos de Fundação de Schoenstatt, apresentados pelas fontes, como uma memória construída para dialogar ou afirmar a “missão” dos adeptos daquele grupo com os momentos de crise existentes na Alemanha e dentro do próprio grupo.

E também como nos aponta Jaques Le Goff, “[...] O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios [...]”¹¹⁰ e por estarmos falando de um grupo religioso, de acordo com o mesmo autor a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus, ou seja, a comemoração em torno do que é sagrado, e assim podemos apontar que o episódio da entrega da capela a Maria e convite para que ela ali se estabelecesse, tornou-se concreto, a fundação desse Movimento. Devido a essa idéia é que podemos compreender o dia 18 de outubro de 1914, como o marco de fundação desse grupo.

A partir da memória étnica que segundo Le Goff “[...] assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas [...]”¹¹¹, nestes Documentos podemos visualizar, não só a formação deste grupo, ou formação do ideal de “Homem Novo” que foi por eles proposto, mas também visualizar os debates existentes na sociedade alemã, por meio do diálogo existente entre este grupo e a sociedade na qual ele fez parte, e assim como propõe Le Goff analisar o comportamento desse grupo religioso em relação à sociedade na qual estavam inseridos.

¹⁰⁹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>> Acesso em: 14 de set. de 2009, p. 2.

¹¹⁰ LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. 5. ed. Campinas. São Paulo: Unicamp, 2003, p. 420.

¹¹¹ Ibid., p. 422.

3 A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: A BUSCA POR UMA SOCIEDADE E O HOMEM IDEAL

Ao falarmos sobre a sociedade européia e principalmente a Alemanha na primeira metade do século XX, deparamo-nos com questões como o nacionalismo¹¹² e consecutivamente com a idéia de superioridade racial. Neste período também encontramos uma Alemanha recém unificada, que procurava criar uma nação e um povo homogêneo. Segundo Norbert Elias a construção dessa sociedade, passou por uma instituição de símbolos tal como, "[...] a elevação do rei da Prússia a imperador (*Kaiser*) da Alemanha, e a promoção de Berlim, a capital da Prússia, a capital do Kaiserreich, [sic] [...]." ¹¹³

Em relação a essa organização podemos citar o trabalho de Léon Poliakov, que apontou que o idioma também foi utilizado como meio para se criar uma identidade nacional que caracterizaria essa sociedade. Dessa forma ele aponta que a construção do alemão estava primeiramente relacionada a uma "[...] tomada de consciência de uma comunidade *lingüística* entre os diversos *Staemme*¹¹⁴. [...] Parece claramente estabelecido que esta tomada de consciência surgiu do confronto com a língua e a cultura latinas ou 'welches', [...]." ¹¹⁵ E que posteriormente acabou se estabelecendo em questões relacionadas a idéia de raça¹¹⁶.

Além do estabelecimento de símbolos, visualizamos também a busca por uma origem comum, o qual auxiliou no estabelecimento de uma identidade coletiva, levando essa

¹¹² A palavra 'nacionalismo', embora originalmente descrevesse apenas uma versão de direita do fenômeno, provou ser mais conveniente do que o desajeitado "princípio de nacionalidade" que fora parte do vocabulário da política européia desde 1830; e assim veio a ser utilizada igualmente para todos os movimentos que consideravam a "causa nacional" como de primordial importância política: mais exatamente, para todos os que exigiam o direito à autodeterminação, ou seja, em última análise, o direito de formar um Estado independente, destinado a algum grupo nacionalmente definido. [...].

A base dos "nacionalismos" de todos os tipos era igual: era a presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com "sua" nação e podiam ser mobilizadas, [...]. Cf. HOBBSAWM, Eric J. Bandeiras desfraldadas: Nações e Nacionalismo. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988, p. 204.

¹¹³ ELIAS, Norbert. Duelo e filiação na classe dominante imperial: exigir e dar satisfação. In: **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997, p. 60.

¹¹⁴ *Staemme*: [...] designa um grupo étnico mais ou menos homogêneo, fixado num quadro geográfico relativamente preciso e que forma, há séculos, uma entidade social e cultural determinada... [...]. POLIAKOV, Léon. Alemanha: A Língua e a Raça. In: **O mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos**. São Paulo. Perspectiva, 1974, p. 66.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 67. Grifos do autor.

¹¹⁶ O termo raça é aqui entendido como "[...] o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário [...]." Ou seja, a raça "[...] determina uma "aparência exterior" herdada e transmissível pela hereditariedade, [...]". POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Raça, Etnia, Nação. In: **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 33 e 37.

sociedade construir um imaginário¹¹⁷ que se voltava para o culto do homem alemão, e que segundo Poliakov, foi construída pela memória, e que se apresentou nas

[...] recordações pré-cristãs, e mesmo alimentado por elas, recordações de certa forma incrustadas num solo natal que Wotan ou Thor jamais teriam abandonado. Mas a uma consideração mais detida, o panteão germânico surge como fruto de uma laboriosa reconstrução, depois de uma obliteração quase tão completa como aquela dos deuses celtas ou etruscos. [...] verifica-se que a mitologia germânica só se conservou de diferentes maneiras, nas tradições escandinavas ou nos relatos de historiadores romanos, fora da Alemanha; no que se refere mais especialmente aos mitos de origem *stricto sensu* só conhecemos por tradição direta *Staemme* expatriados e mais ou menos desgermanizados [sic] [...] A singularidade do passado alemão reaparece assim sob outra forma. A manutenção destes resquícios pré-cristãos na 'diáspora' dos germanos ou numa região estrangeira, permite pensar que as dinastias reais e o feudalismo os cultivavam como signos de sua identidade, para melhor distinguir-se assim dos autóctones. [...].¹¹⁸

Segundo Annie Dymetman, esse despertar para uma origem comum era uma idéia que se colocava contra a dominação estrangeira, que resultou no desenvolvimento do racismo, e que foi retomando no final da Primeira Guerra Mundial.

Um posicionamento muito próximo a esse é apresentado por Hannah Arendt, no qual ela afirma que: "[...] o pensamento racial dos alemães resultou do esforço de unir o povo contra o domínio estrangeiro. Seus autores não procuraram aliados além das fronteiras: buscaram despertar no povo a consciência de uma origem comum. [...]."¹¹⁹

Segundo Poliakov, temos também no período pós-unificação a construção da imagem de um alemão ideal, que de acordo com o autor esse homem ideal se assemelhava ao modelo cultural russo que construiu "[...] um povo-herói jovem, saído de seu próprio terror, e por isso superior aos povos do 'velho Ocidente' [...]."¹²⁰ e que era visto como um:

¹¹⁷ O termo imaginário social é aqui utilizado [...] como sendo o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes, mas também como lugar de lutas e conflitos entre o povo dominado e as forças que o oprimem. [...].

[...] No sistema de representações produzido por cada época no qual esta encontra a sua unidade, o "verdadeiro" e o "ilusório" não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. [...]. Cf. BACZKO, Bronistaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. V. 5 – Anthropos-Homem (Dir. Ruggiero Romano), 1985, p. 303.

No qual a vida social é vista como [...] produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. Assim se define um código colectivo[sic] segundo o qual se exprime as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais. [...]. Cf. BACZKO, Bronistaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. V. 5 – Anthropos-Homem (Dir. Ruggiero Romano), 1985, p. 307.

¹¹⁸ POLIAKOV, 1974, op. cit., p. 68-69.

¹¹⁹ ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In: **Origens do totalitarismo**. Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Tradução Robert Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 195.

¹²⁰ POLIAKOV, 1974, op. cit., p. 81.

[...] povo livre e nobre, eram os dominadores naturais do universo (*weltherschendes Volk*). À *virilidade*, virtude cardeal dos alemães, [que se opunha aos povos latinos que eram caracterizados como um povo que tinha como 'virtude'] a *feminilidade* [...] 'Um povo-mulher, um bando fraco, sem coração, sem coragem, sem virtude. Nenhum deles combateu, nem conhece coisa alguma da arte da guerra. [...]'¹²¹

Norbert Elias aponta que a idéia de virilidade e a inclinação para guerra estavam relacionadas à formulação de um código de conduta e de sentimento estabelecidos pelos grupos mais abastados dessa sociedade, que se fazia presente na realização de duelos, esse código de honra que segundo o autor estava impregnado,

[...] de elementos oriundos do código monárquico-aristocrático, o qual, de acordo com a situação social e a tradição do seu estrato proponente, era orientado para um *ethos* guerreiro, para a manutenção da desigualdade entre as pessoas, para julgar que os mais fortes são os melhores e, assim para a implacável dureza da vida. [...].¹²²

Annie Dymetman indica que era também apresentada a idéia de um homem coletivo e enraizado, o qual teria uma afinidade com a sua pátria por meio da relação com o "solo", ou seja, o campo. Em oposição aos centros urbanos que cultivava a idéia de estrangeirismo, que não tinha relações diretas com a sociedade. Essa relação com a terra natal pode, além disso, ser vista como a criação de um sentimento de topofilia¹²³, mas sendo caracterizado como um sentimento artificial. Pois segundo Yi-Fu Tuan,

[...] a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela parece ser uma atitude natural. A afeição não pode se estender a todo um Império, porque freqüentemente, este é um conglomerado de partes heterogênea, mantidas unidas pela força. [...].¹²⁴

E no caso da Alemanha a topofilia como é compreendida por Yi-Fu Tuan, não seria possível, devido à extensão e a instabilidade territorial existente naquele local e período, mas

¹²¹ Ibid., p. 77. Grifos do autor.

¹²² ELIAS, op. cit., p. 60.

¹²³ "A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. [...] A resposta pode ser tática: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.". TUAN, Yi-Fu, op. cit., p. 107.

¹²⁴ Ibid., p. 116-117.

devido à criação de símbolos que homogeneizaram essa sociedade que podemos atribuir a esse grupo um sentimento de topofilia artificial criada pelo discurso político.

Essa idéia se afirma na fala de Arnaldo Daraya Contier, no qual ele aponta que o movimento nazista em relação à pátria, buscava o envolvimento sentimental e emotivo da população alemã "[...] num projeto cultural e hegemônico, harmonioso e coeso. [...]" ¹²⁵ E assim o sentimento de pertença se tornou “real” devido o discurso de unidade que camuflou as diferenças econômicas, sociais e possivelmente regionais e lingüísticas tornando assim a sociedade alemã um grupo homogêneo e não heterogêneo, "[...] capaz de refletir os interesses de todos os alemães, incluídos, fraternalmente, numa 'coletividade' e numa comunidade racial-nacional. [No qual] Todos os alemães (ricos ou miseráveis) envolvidos pela ideologia da comunidade consideravam-se irmãos – unidos pelos mesmos laços de sangue – [...]" ¹²⁶

Para o estabelecimento desse imaginário no cotidiano da sociedade alemã, o movimento nazista utilizou-se de um modelo pedagógico, no qual

As artes – arquitetura, música, cinema, literatura, pintura – ocupavam o centro do projeto cultural nazista. Em linhas gerais, esse projeto, de um lado, simbolizava a expressão da ‘alma do povo’ (*Blut un Boden*, ‘sangue e solo’) e, de outro, desempenhava uma função pedagógica – ‘clara e simples’ – em prol da formação ‘saudável’, ‘otimista’ e cívica do homem alemão. ¹²⁷

Segundo Boris Fausto, a utilização dos aparelhos ideológicos do Estado como a educação e a propaganda, foi colocado em prática pelos nazistas, “[...] no sentido de garantir a lealdade absoluta da população, serviram apenas para reforçar as características de uma estrutura de personalidade que criou nos indivíduos uma disposição a se submeter lealmente às exigências do chefe do Estado, cuja imagem foi internalizada pelo povo como parte de sua consciência.” ¹²⁸

Em relação a esse projeto pedagógico visualizamos, varias ferramentas para se formar esse um homem saudável, otimista e patriótico na sociedade alemã. Conforme apontou Rodrigo Medina Zagni, as artes de um modo geral, “[...] foi utilizada na política como propaganda. Uniformes, bandeiras, estandartes, filmes espetaculosos, discursos teatrais,

¹²⁵ CONTIER, 1995, op. cit., p. 22.

¹²⁶ Ibid., p. 22.

¹²⁷ Ibid., p. 24.

¹²⁸ FAUSTO, Boris. A interpretação do Nazismo, na Visão de Norbert Elias. *Mana* 4(1), [s.l.: s.n.], 1998, p. 149.

paradas militares grandiloquentes, arquitetura monumental, tudo referia a glória do antigo, de um passado 'revelado'." ¹²⁹

Dentre elas temos a música, que durante os anos 20 e 30 do século XX, passou por mudanças, no qual "[...] os nacionalistas tentaram elaborar uma arte intimamente ligada aos interesses do Estado Forte. Por esse motivo, nos Estados onde essas questões afloraram com maior nitidez – União Soviética e Alemanha – a música baseada na cultura popular passou a simbolizar a disciplina, o trabalho, a sociedade organizada." ¹³⁰

Como modelo ideal de música, a sociedade alemã teve como referência as obras de Richard Wagner, que foram tomadas pelo nazismo devido "[...] o culto ao passado nórdico e o mito do sangue ariano; noções de arte e política para o novo mundo que desejava criar." ¹³¹

Mas de acordo com Arnaldo Daraya Contier, o nazismo "[...] 'manipulou' a História, criando uma série de imagens a respeito do passado e buscou transmiti-las a todo o 'povo' alemão. Dentro desse discurso, a figura de Wagner, acabou se transformando num mito. Qualificaram-no como um autor pré-nazista ou, ainda, como a 'mais alta realização do espírito germânico'." ¹³²

O que percebemos na leitura das obras *A Arte e a Revolução*¹³³ e *Beethoven*¹³⁴ feitas por Richard Wagner é que o nazismo se utilizou de alguns posicionamentos desse músico em relação à arte e à sociedade e os levou para o seu projeto político, que o elevaram a ícone do seu projeto cultural.

Primeiramente a idéia de homem ideal apresentado pelo nazismo segundo Contier estava vinculada a formação de valores cívicos, no qual o papel dos educadores estava direcionado a "[...] despertar no aluno 'um inabalável sentimento nacional'. Para divulgar os valores cívicos nos alunos os professores deviam defender as noções de "orgulho", de "renúncia", de "beleza" e, fundamentalmente, demonstrar a existência de uma comunidade

¹²⁹ ZAGNI, Rodrigo Medina. **As profundezas do intangível: Relações entre anti-semitismo religioso e o anti-semitismo "científico" na justificativa nazista para a Shoah.** Disponível em: <http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/files/active/0/aula_1.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2009, p. 11.

¹³⁰ CONTIER, Arnaldo Daraya. *Arte e Estado: Música e Poder na Alemanha dos Anos 30.* In: **Revista Brasileira de História**, v. 08, n. 15, Dossiê Sociedade & Cultura. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, setembro 1987/fevereiro 1988, p. 111.

¹³¹ ZAGNI, op. cit., p. 11.

¹³² CONTIER, 1988, op. cit. p. 116.

¹³³ O artigo *A Arte e a Revolução* foi redigido entre Julho e Novembro de 1849, e é considerada uma de suas obras de cunho político.

¹³⁴ O ensaio *Beethoven* foi escrito no ano de 1870, e é considerada uma de suas obras teóricas.

nacional, [...]"¹³⁵ E o exemplo dessa união nacional estava visualizada na imagem do grego por meio do estudo da história voltada para o combate e para a origem dos povos nórdicos.

Um dos posicionamentos que é visível na obra de Richard Wagner que é apropriada pelo nazismo é a relação do homem com a idéia de beleza que era visualizada na figura de Apolo,¹³⁶ como uma

[...] fisionomia da gravidade jovial: belo, sim, mas forte. Era assim que Apolo era dado a conhecer aos jovens de Esparta, quando, na dança ou na luta, desenvolviam a coragem e a força dos seus corpos esbeltos, quando o adolescente era raptado pelo amante e levado a cavalo para longe por entre audaciosas aventuras, quando o mancebo se juntava nas fileiras aos seus companheiros, trazendo como único penhor das suas aspirações a beleza física e interior na qual residia toda a sua força, toda a sua riqueza. Era assim também que o homem de Atenas, quando todos os impulsos de um corpo belo e de um espírito sempre activo [sic], como eram os seus, lhe colocavam o imperativo de fazer renascer a sua essência ateniense na expressão ideal da arte, [...].¹³⁷

Para o autor a idéia de beleza grega estava relacionada à idéia de liberdade, assim Wagner viu que os gregos entendiam "[...] que só o homem belo e forte era livre. E esse homem era *ele*. Tudo o que caísse fora desta noção de homem grego, ministro de Apolo, recebia a designação de *bárbaro* e, se estava ao seu serviço, a de *escravo*. [...]"¹³⁸

Segundo Contier, Hitler transportou essa interpretação de Wagner em relação aos gregos para "[...] a natureza biológica e cultural do 'homem nórdico ou ariano' como símbolo da 'coragem' e da sua natural vocação militar, capaz de desencadear uma 'guerra' permanente contra todos os 'inimigos' internos e externos da nação, [...]"¹³⁹

Além da formação de um homem ideal, o nazismo também atribuiu ao seu povo, à idéia de superioridade racial, essa idéia segundo Hannah Arendt resulta da

[...] insistência na origem tribal comum como essência da nacionalidade, formulada pelos nacionalistas [...] e a ênfase que os românticos davam à personalidade inata e à nobreza natural [...] Da primeira idéia, surgiu a doutrina orgânica da história com suas leis naturais; da outra surgiu no fim

¹³⁵ CONTIER, 1995, op. cit., p. 32.

¹³⁶ Apolo foi um dos deuses do panteão da mitologia grega, não havendo uma representação específica, pois seu poder exercia todos os âmbitos da natureza e do homem. Além de ser por excelência o deus dos oráculos e fundador de importantes cidades, sua proteção envolvia desde a agricultura e o gado até a juventude e seus exercícios de ginástica, assim como os marinheiros e navegantes.

¹³⁷ WAGNER, Richard. **A arte e a revolução**. Tradução José M. Justo. 2. ed. Lisboa: Edições Antígona, 2000, p. 38-39. Grifos do autor.

¹³⁸ Ibid., p. 76. Grifos do autor.

¹³⁹ CONTIER, 1995, op. cit., p. 34.

da século XIX a grotesca imitação de super-homem, com o destino "natural" de dominar o mundo. [...].¹⁴⁰

Nesta última afirmação de Hannah Arendt percebemos que os posicionamentos de Wagner eram oriundos dessas idéias, pois em *Beethoven*, Wagner apresenta à idéia da superioridade do espírito alemão, por meio da linguagem pura que para o autor era a música. O exemplo do espírito alemão apresentado nessa obra é a figura de Beethoven, que por meio dele se apresentou a missão que o alemão teria perante a humanidade que havia se corrompido. No qual a música teria deixado de ser uma arte simplesmente para agradar o público e passou a ter o mesmo nível que a filosofia tem em relação à compreensão do mundo:

[...] foi o 'espírito alemão', tão temido e odiado 'além das montanhas, que enfrentou e tentou vencer, mesmo no domínio da arte, essa corrupção artística e espiritual entre os povos da Europa. Se, em outros domínios, celebramos os nossos Lessing, Goethe, Schiller, etc., como aqueles que nos salvaram de cair na mesma corrupção, devemos mostrar agora que foi por este músico, Beethoven, na linguagem mais pura que se conhece, que o espírito alemão salvou o espírito humano de seu opróbrio. Porque, ao elevar a música de sua mesquinha condição de arte agradável à alta missão que sua própria essência lhe cabia, ele nos revelou essa inteligência da música pela qual a consciência humana tem uma noção tão precisa do mundo quanto a que poderá ser encontrada nos conceitos da mais profunda filosofia. [...].¹⁴¹

Wagner ainda apontou que esse espírito alemão era uma alma única, que se distinguia dos demais povos por terem,

[...] um conhecimento íntimo e profundo dos problemas do mundo e dos seus fenômenos, toda questão era a de saber como esta vantagem poderia ser utilizada para que o caráter nacional conseguisse enfim afirmar-se, tornando-se capaz de exercer sobre os povos vizinhos uma influência favorável, em troca das influências mais prejudiciais do que vantajosas, exercidas, até então, por aqueles povos sobre ele.¹⁴²

Percebemos aqui que o nazismo tomou estes debates e o traduziu para a idéia de oposição ao outro, neste caso a todos aqueles que se opuseram ao seu projeto político ou que não se enquadraram dentro do ideal de homem alemão. Segundo Contier no nazismo o

¹⁴⁰ ARENDT, op. cit., p. 200.

¹⁴¹ WAGNER, Richard. **Beethoven**. Tradução Theodomiro Tostes. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 40-41.

¹⁴² Ibid., p. 92.

soldado alemão foi exaltado como o modelo de homem ideal que lutaria pela defesa de sua pátria em relação aos povos ditos inferiores, que são apontados nesse trecho:

Os nacional-socialistas exaltaram a figura do soldado como o símbolo do "homem ideal", capaz de desencadear guerras, combates, sob os mais diversos matizes: a) *guerras internas ou civis* - ataques constantes contra os internacionalistas (empresários judeus proprietários de jornais, de emissoras de rádio ou de empresas cinematográficas) sindicalistas ligados à social-democracia e ao partido comunista; artistas modernos (expressionistas, cubistas), intelectuais simpatizantes de idéias marxistas, doentes mentais, deficientes físicos, judeus; b) *guerras externas* - de colorações imperialistas visavam dominar e escravizar "povos" considerados "frágeis" ou socialistas, democratas, tais como poloneses, franceses, russos, ingleses, judeus.¹⁴³

Percebemos assim que as idéias de beleza, força, e de superioridade do espírito alemão apresentadas por Richard Wagner e que foram lidas pelo nazismo, tomaram outra dimensão, que segundo Contier, o nacionalismo expresso nas obras do músico, passou a ser visto como um discurso sobre a nação alemã, e se transformando em um ideal político.

Assim o nacional-socialismo se apoiou na obras de Wagner para "[...] consolidar o projeto que enfatizava uma sociedade sem conflitos, profundamente 'harmônica', representada pela síntese de todos os interesses da Nação: amor à pátria, à tradição e à cultura germânica."

¹⁴⁴ No qual o homem grego belo e forte expressos nessas obras foi transposto para a imagem do homem alemão, que era visto como um homem forte, saudável, puro, combatente e superior. Segundo Contier, esses ideais reformulados pelo nacional-socialismo foram divulgados e colocados para a sociedade por meio da exaltação de fatos do passado.

O autor ainda aponta que para divulgar e reforçar esse projeto, foi feita uma reforma no sistema educacional, no qual "O estudo de história antiga era enfatizado pelos nacional-socialistas, como um 'exemplo' a ser seguido pelos jovens alemães na construção de uma 'nova sociedade'. [...] ¹⁴⁵ e o seu discurso estava voltado para criar uma relação entre o mundo grego com o mundo germânico. E os "[...] livros de história, as noções de 'saúde' e 'beleza' foram resgatadas, tendo como postulados básicos, de um lado uma determinada interpretação sobre os 'guerreiros espartanos' - 'belos' e fortes - e, de outro, nos ideais de 'luta', de 'guerra', como práticas fundamentais, objetivando-se eliminar todos 'inimigos da pátria', [...].¹⁴⁶

¹⁴³ CONTIER, 1995, op. cit., p. 39.

¹⁴⁴ CONTIER, 1988, op. cit. p. 122.

¹⁴⁵ CONTIER, 1995, op. cit., p. 31.

¹⁴⁶ Ibid., p. 32.

Ou seja, as obras de Richard Wagner, por apontar algumas posições que dialogou com o discurso nacionalista e imperialista da Europa no século XIX, foram interpretadas e postas pelo nazismo como um modelo a ser seguido, e também como um produto nacional, pois elas apresentavam elementos que valorizariam e que construiriam uma cultura "genuinamente" alemã.

4 HOMEM NOVO: UM IDEAL NO MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOESNTATT

Como já mencionado em capítulos anteriores, os indivíduos só poderão ser compreendidos se forem visualizados como parte da sociedade a qual eles pertencem. Assim também podemos verificar a relação do Movimento Apostólico de Schoenstatt para com a sociedade alemã na primeira metade do século XX.

Um dos aspectos que podemos visualizar claramente essa relação é a idéia de formação do "homem novo", proposto pelo Padre Kentenich fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, para com a idéia de "homem ideal" ou "homem belo" proposto pela sociedade alemã, ou melhor, cultivado no imaginário dessa sociedade.

Dentro da "história oficial" do Movimento, criada por meio dos escritos denominados *Documentos de Schoenstatt*, percebemos na leitura dos mesmos a criação da idéia de "homem novo" e quais os elementos que esse deveria conter.

A leitura desses documentos, como propõe Jacques Le Goff deve ser visualizada como um "Documento/Monumento", a fim de apresentar que esses documentos são "[...] um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite a memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, em pleno conhecimento de causa." ¹⁴⁷ Ou seja, esses documentos, são "[...] resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, [...]." ¹⁴⁸

Estes documentos apresentados pelo Movimento de Schoenstatt nos trouxeram alguns apontamentos, sobre a construção de um ser humano religioso e moral dentro desse grupo e consecutivamente dialogado ou sendo um reflexo de um ideal também vigente na sociedade alemã.

O "homem novo" que o Movimento Apostólico de Schoenstatt queria e ainda quer formar, possui as seguintes formas: "A imagem do Cristo transtemporal é o ideal do homem de natureza elevada pela graça, perfeita e marcada pelo sacrifício." ¹⁴⁹ E

¹⁴⁷ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, São Paulo: Unicamp. 2003, p. 536.

¹⁴⁸ Ibid., p. 538.

¹⁴⁹ KENTENICH, Pe. José. **Linhas fundamentais de uma Pedagogia moderna para o educador católico**. Santa Maria; Rio Grande do Sul. Tradução Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1984, p. 89.

[...] o homem unilateralmente orgânico de alto valor religioso-moral. Acentuo: **organicamente unilateral**. Se além disso dispuser de capacidade para o aperfeiçoamento intelectual e cultural, está bem que o faça. Mas é mister empenhar-se, na medida do possível, com unilateralidade orgânica, pelo alto valor religioso-moral. [...].¹⁵⁰

Em textos atuais para a formação de novos adeptos, visualizamos o "homem novo" como um

[...] **homem-vinculado**: capaz de amar e desenvolver ao máximo sua capacidade de vincular-se pessoalmente a Deus, às pessoas e às coisas.

Homem novo é o homem interiorizado personalizado: em plena posse de si mesmo. O homem novo preocupa-se com a vida interior, com a sua alma e pauta sua vida por princípios. ... "É livre, sabe decidir-se pelos mais altos ideais religiosos."

É o homem mariano que coloca sua vida e tudo o que lhe pertence sob a proteção de Maria. [...].

É o homem comunitário que procura viver em função do outro. Sabe ceder a uma opinião, valorizar o que os outros fazem, respeitar e aceitar o outro em sua originalidade.

É o homem livre, [...].

O homem livre pode fazer o que os outros fazem, desde que seja por decisão interior.¹⁵¹

Ou seja, podemos visualizar esse "homem novo" como um símbolo sagrado, que segundo Clifford Geertz, "[...] os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo - o tom, o caráter, e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas - e sua visão de mundo - [...]."¹⁵²

Nessa formação de valores, percebemos que o "homem novo" é uma crítica às "condutas" instaladas naquela sociedade, para o Pe. Kentenich o "homem novo" é o oposto do "homem velho", esse último é hoje em dia definido pelo Movimento, como um homem, "[...] radicalmente desvinculado de Deus, dos homens, das coisas e do trabalho. Este homem atomizado perdeu o núcleo de sua personalidade, vive alienado, preso no vazio interior da solidão e angustia: 'coisificou-se'[sic] ao ponto de não ser mais do que uma peça de máquina substituível. [...]."¹⁵³ Ele é visto também como:

[...] **um homem náufrago**, que flutua no mar da sociedade sem ter abrigo, seja nas pessoas ou nos ideais. E, assim, procura preencher seu vazio e

¹⁵⁰Ibid., p. 90. Grifos do autor.

¹⁵¹ LIGA APOSTÓLICA FEMININA, op. cit., p. 36-37. Grifos do autor.

¹⁵² GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 66-67.

¹⁵³ LIGA APOSTÓLICA FEMININA, op. cit., p. 35.

isolamento numa sexualidade desenfreada, no trabalho frenético, nas drogas, no álcool ou constrói ídolos aos quais adora.

É o homem-cine: [...] que se deixa embriagar com imagens, sensações e impressões, que não consegue arraigar-se em seu interior, "engole" tudo o que tem diante de si, porém, não assimila nada. [...].

É o homem manipulado: [...] usado na máquina administrativa, na propaganda, na economia ou na política, vale pelo que produz ou possui, porém, não pelo que é e pelo que ama.

É o homem-manipulador: que maneja os demais como coisas ou escravos, [...].¹⁵⁴

Mesmo essa definição estando dentro de um manual atual, podemos verificar semelhanças com o início do século XX, principalmente no período entre guerras na Alemanha.

Segundo o que é apresentado pelo autor Lionel Richard,¹⁵⁵ a República de Weimar passou por uma transformação de costumes, no qual houve um aumento de roubos, a venda do corpo (feminino e masculino) e a utilização de drogas, também se tornou recorrente. E houve também o apego a outras práticas religiosas que não fosse a católica ou a protestante, no qual ele aponta que "[...] O misticismo oriental penetrava até nas camadas populares. Monges errantes percorriam os campos em busca de adeptos, que não eram raros. Por toda a parte, as religiões católica e protestante perdiam os seus fiéis. [...]"¹⁵⁶

A partir dessas definições, e da leitura dos cinco documentos oficiais do Movimento, percebemos que a construção do ideal do "homem novo" foi uma construção linear e gradual, e se apresentou como uma crítica e um reflexo dos posicionamentos da sociedade a qual fazia parte.

Inicialmente, vemos que os documentos apresentam objetivos específicos. O primeiro documento denominado de *Documento de Pré-fundação* nos apresenta a assistência do sagrado para a construção do "homem novo", por meio de sua proteção; o método para formá-lo e o resultado que se teria. O segundo denominado *Conferência na Fundação da Congregação Mariana*, teve como objetivo o culto ao sagrado. O terceiro denominado *Primeiro Documento de Fundação* apresentou a idéia de hierofania, ou seja, a manifestação do sagrado na capela desse grupo, a qual foi transformada em santuário e lugar de santificação. O quarto titulado *Segundo Documento de Fundação* visualiza a figura do sagrado como a imagem do educador do "homem novo" e quais características este homem deveria ter. E o quinto e último documento denominado de *Terceiro Documento de Fundação*

¹⁵⁴ Ibid., p. 35-36. Grifos do autor.

¹⁵⁵ Cf. RICHARD, 1988, op. cit.

¹⁵⁶ Ibid., p. 100.

mostrou o desdobramento do processo de formação do "homem novo". Mas tomaremos como objeto de análise para o desenvolvimento deste trabalho os quatro primeiros documentos.

O primeiro documento por eles apresentados data o ano de 1912, ano que o padre Josef Kentenich foi apresentado como diretor espiritual do Seminário Palotino de Vallendar. E em sua apresentação ele expôs uma palestra e, nela ele apresenta o seguinte objetivo, "Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais."¹⁵⁷ E nela ele apresentou três elementos que estão presentes na formação do "homem novo".

O primeiro elemento se refere à relação com o sagrado, ou seja, a presença de Maria como protetora desse homem; o segundo seria o método, a auto-educação e o terceiro nos apresenta as características do ser humano já transformado, no qual esse teria uma personalidade firme e livre.

Em relação à auto-educação, o autor Eric Hobsbawm, apresenta que esse termo de autoconhecimento ou auto-aperfeiçoamento tinha se tornado comum na Europa no período de 1875-1914, período segundo o autor foi marcado por um "[...] desenvolvimento maciço da instrução e do autodidatismo populares e o aumento do público leitor [...] o autodidatismo e o auto-aperfeiçoamento foram uma das principais funções dos movimentos da classe trabalhadora e um dos maiores atrativos para seus militantes. [...]"¹⁵⁸

Esse autodidatismo segundo Eric Hobsbawm dialogava com as idéias de política de esquerda e com "[...] certezas racionais da ciência do século XIX, inimiga da superstição e do privilégio, espírito que presidia a instrução e o esclarecimento, prova e garantia do progresso e da emancipação das classes menos favorecidas. [...]"¹⁵⁹

Segundo Maria Helena Rolim Capelato¹⁶⁰, na educação e nos agrupamentos de jovens do século XIX gerou-se também uma busca pelo vigor físico, a saúde, e a formação de uma moral pautada na lealdade, subordinação, amor da pátria e também na autodisciplina.

Pe. Kentenich não difere muito do que é apresentado por Hobsbawm, quando diz respeito ao interesse e a busca pela auto-educação existente nos grupos sociais, pois para ele a auto-educação ocupava "[...] o centro dos interesses nos círculos mais cultos. Ela é imperativo da religião, imperativo da juventude, imperativo do tempo. [...]"¹⁶¹

¹⁵⁷ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 13.

¹⁵⁸ HOBSBAMW, 1988, op. cit., p. 364.

¹⁵⁹ Ibid., p. 364.

¹⁶⁰ Cf. CAPELATO, 1995, op. cit., pp. 82-93.

¹⁶¹ KENTENICH, 2002. op. cit., p. 14.

Quando ele apresenta a auto-educação como "senhor do tempo", ele critica a dimensão que ela tomou em relação a sua época, pois de acordo com o que é apresentado por Hobsbawm, a auto-educação estava atrelada a ciência e segundo Pe. Kentenich o conhecimento do "mundo" não levaria o homem a ser tornar um homem completo, ou seja, para ele "[...] o progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior." ¹⁶²

Essa declaração não nos pode dizer se o padre Kentenich era totalmente contrário ao progresso científico, mas torna visível sua inclinação para as questões de cunho estritamente religioso e moral, que se apresenta nas seguintes palavras: "O grau de nosso progresso nas ciências tem de ser acompanhado de igual aprofundamento interior e crescimento espiritual. Do contrário, cavar-se-á em nossa alma imenso vazio, tremendo abismo que nos tornará imensamente infelizes. Por isso, auto-educação!" ¹⁶³

Para o Pe. Kentenich os homens também, passaram a serem vítimas de suas próprias conquistas, e a alternativa para que isso deixasse de ocorrer, não era retroceder, mas sim avançar nos assuntos de cunho religioso e moral, pois para ele era necessário "[...] Quando mais progresso no exterior, tanto mais aprofundamento interno. [...]" ¹⁶⁴ Dessa forma ele justifica o método da auto-educação, como aquela que levaria a formação de homens de personalidade firmes e livres.

O discurso do Pe. Kentenich para com o Movimento Apostólico de Schoenstatt, também se enquadra parcialmente naquilo que foi apresentado por Maria Capelato, pois esse grupo assim como os grupos de jovens do século XIX, apontado pela autora buscou a formação de uma moral pautada na lealdade, subordinação, amor a pátria e também na autodisciplina, mas a sua diferença é que a moral buscada pelo Movimento Schoenstatt estava diretamente relacionada como a moral-religiosa.

Quando é apontado como objetivo final o desejo de formar personalidades firmes e livres, percebemos que Pe. Kentenich queria que aqueles jovens deixassem suas disposições de infância que "[...] eram movidas por caprichos e disposições emocionais. [e passassem a] agir por princípios firmes, claramente reconhecidos. [...]" ¹⁶⁵ E como caracteres livres eles deveriam ser consciente de seus direitos, mas sua submissão em relação ao sagrado deveria

¹⁶² Ibid., p. 14.

¹⁶³ Ibid., p. 16.

¹⁶⁴ Ibid., p. 16.

¹⁶⁵ KENTENICH, 2002, *ibid.*, p. 17.

ser "[...] não por medo ou coação, mas porque livremente o queremos, pois todo ato ou coação de submissão razoável nos torna interiormente livres e autônomos." ¹⁶⁶

Porém o intuito do Pe. Kentenich era apresentar o método que levaria a formar homens, em especial neste momento sacerdotes, para um exercício maior, que foi apresentado como uma tarefa a ser realizada, essa tarefa dizia a respeito ao desenvolvimento e o cultivo da devoção mariana nesse grupo.

A devoção a Maria, proposta no *Documento de Pré-fundação*, passou a ser visível em abril de 1914, no segundo documento, denominado *Conferência na Fundação da Congregação Mariana*, momento que aparecem tanto a devoção a Maria como também os possíveis esboços dos caracteres firmes objetivado anteriormente.

Nesse documento Pe. Kentenich apontou que os jovens havia amadurecidos, ou seja, já esboçavam uma personalidade forte, no qual já haviam se desligado das emoções infantis como é apresentado neste trecho:

Sabemos o que queremos! **Não nos deixamos levar por emoções "piedosas", momentâneas e irrefletidas. Somos suficientemente viris, maduros e razoáveis. E muito menos ainda fomos impulsionados por devaneios juvenis ou pelos sentimentos duma fantasia irreal.** Se fôssemos sonhadores iludidos, então aquele que dedicou maior veneração a Maria Santíssima - Cristo - também seria sonhador. [...] **Não, não somos sonhadores iludidos e jamais queremos chegar a sê-lo. Sabemos o que queremos!** Objetivamente procuramos apropriar-nos do objetivo da Congregação e sua natureza, e medir nossas forças refletindo tranquilamente. E quanto mais refletimos, mais a Congregação penetrou em nosso coração. [...]. ¹⁶⁷

Mas o seu foco principal não esteve em mostrar o amadurecimento dos futuros sacerdotes e sim apresentar o culto ao sagrado, ou seja, o culto a Maria por meio da Congregação Mariana, pare eles a congregação era o ambiente que os levaria ao encontro com o sagrado. Momento também que apresenta Maria como aquela que acompanha, protege, encaminha. E o culto e a entrega total a congregação os levaria a conquistar a personalidade de Cristo.

Segundo Ana Paula de Oliveira Felix, o culto à Maria passou a ter um papel definido a partir do Concílio de Éfeso, em 431, no qual Maria ficou conhecida como a Mãe de Deus, mas de acordo com a mesma autora, o culto a Maria como protetora foi soberano entre os séculos XIV e XV, na qual as situações limites apresentadas neste período, como a Peste

¹⁶⁶ Ibid., p. 17

¹⁶⁷ Ibid., p. 29-30. Grifos nossos.

Negra, levou parte da sociedade a "pedir" a Maria como Mãe da Misericórdia, para que essa não deixasse de proteger e amparar seus filhos. E já no período do século XIX e XX a autora aponta que houve um considerável aumento em relação à existência de milagres e aparições atribuídos a figura de Maria.

Percebemos que no período de 1912 a 1914 Pe. Kentenich estimulou o culto à Maria entre os seminaristas, formulando a Congregação Mariana, no qual foi vista como um meio para desenvolver um relacionamento mútuo entre Maria e os futuros sacerdotes. Por meio de serviço e de entrega ao sagrado como apresentado neste trecho:

[...] estar a serviço de Maria como é a característica do genuíno congregado. [...] Como vela que logo ofereceremos a mesa sagrada, - símbolo de nossa consagração a Maria, - queimando se consome, **assim também deve consumir-se toda a nossa vida futura em qualquer tempo, em qualquer lugar e situação a serviço de nossa excelsa Senhora e Protetora. A ela pertence nosso corpo e nossa alma, nossa vida e nossa morte, nossos trabalhos, estudos e orações, nossos sofrimentos e lutas.** [...].¹⁶⁸

Pe. Kentenich visualizava a figura de Maria como uma figura maternal, mas não somente como, "[...] a estrela matutina, e nem só o majestoso astro do dia, mas sua luz ilumina também a noite. É 'a lua na noite silenciosa': refúgio dos pecadores, a Mãe de misericórdia. [...]"¹⁶⁹

A ela é também foi atribuído o valor de guia,

[...] **Maria nos conduz**; ela não nos carrega em seus braços. Não quer cultivar passivismo [sic] frouxo. O caminho que ela conhece e nos indica com sua mão, é demasiado escarpo e pedregoso para isto. Não, seu cuidado consiste em despertar e levar ao pleno desdobramento todo o cavalheirismo e virilidade que pulsam em nós. E quando apesar de nossa melhor boa vontade não conseguimos mais nada com nossas forças, ela então nos ajuda a superar as dificuldades.¹⁷⁰

Quando Pe. Kentenich aponta que Maria, queria despertar o cavalheirismo e virilidade e não deixar a que passividade sobressaísse em seu grupo; percebemos a existência da mentalidade dessa sociedade, pois segundo Annie Dymetman, após a unificação alemã houve mudanças, "[...] em alguns setores da classe média, sobretudo no funcionalismo público, e no universo acadêmico. Estes adotaram valores aristocráticos acentuados por um

¹⁶⁸ KENTENICH, 2002, *ibid.*, p. 32. Grifos nossos.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 31.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 35. Grifos do autor.

forte cunho bélico, uma espécie de *ethos* do guerreiro, [...]" ¹⁷¹ Ela também aponta a existência de "[...] duelos de estudantes, do código de honra, das fraternidades universitárias, do orgulho em servir na frente de batalha, [...]" ¹⁷² E Léon Poliakov¹⁷³, aponta que na construção da idéia nacional de alemão a virilidade foi vista como a sua virtude principal, a passividade como falta de virtude, de coragem, e o oposto do que seria o alemão.

O culto à Maria apresentado nesse documento, possuiu uma função específica, pois ela também era vista como o único meio de se chegar a Cristo, e este como é apresentado nos escritos era o objetivo final desse grupo.

Embora o quadro da Mãe de Deus domine a capela, não constitui o centro. **Ele é ocupado única e exclusivamente pelo tabernáculo e pelo que nele habita: Cristo Jesus - glorificado por toda a eternidade - princípio e fim de toda a nossa religião. Portanto, o fim último de nossa congregação não é Maria, mas o Redentor.** Consagramo-nos sem reservas a Mãe de Deus, para que ela nos conduza a seu divino Filho, [...]" ¹⁷⁴

O trabalho na Congregação era pelo Pe. Kentenich visto como meio para se formar seres humanos de acordo com a moral cristã, pois se buscava a semelhança a Cristo, a conquista de sua "personalidade", para ele essa busca seria conquistada por meio do comprometimento para com a Congregação.

Esta busca pela personalidade de Cristo é, visualizada em outubro de 1914, no terceiro documento analisado denominado *Primeiro Documento de Fundação*, como busca pela santidade, que é posta como objetivo pelo Pe. Kentenich para os congregados dessa forma: "[...] Minha exigência vai muito além. Cada um de nós deve alcançar o mais alto grau imaginável de perfeição de estado de santidade. Não simplesmente o grande e maior, porém, o máximo há de ser a meta de nossa mais elevada aspiração. [...]" ¹⁷⁵

Além de querer formar "homens santos" Pe. Kentenich queria também formar um lugar no qual fosse o berço para a santificação deles e para as demais pessoas, um lugar sagrado, um santuário:

Não seria possível que a capelinha de nossa Congregação se torne nosso Tabor, no qual se manifestem as magnificências de Maria? Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não

¹⁷¹ DYMETMAN, op. cit., p.62.

¹⁷² Ibid., p. 62.

¹⁷³ Cf. POLIAKOV, 1974, op. cit., pp. 65-101.

¹⁷⁴ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 34. Grifos nossos.

¹⁷⁵ Ibid., p. 48.

podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça. [...]¹⁷⁶

Essa capela segundo os documentos tornou um lugar sagrado por causa da manifestação de Maria naquele lugar, segundo o que foi apresentado nos escritos desse grupo, isso ocorreu devido à entrega e o convite que os futuros sacerdotes fizeram a Maria, essa ação foi vista pelo padre fundador como um ato apostólico para eles próprios e uma herança para os futuros congregados, pois aquele lugar também seria visto como um lugar de formação para os homens.

Segundo o padre só seria possível a formação de um santuário por meio da busca pela santidade dos congregados. E um dos desafios para a aquisição dessa santidade estava diretamente relacionado com as situações do seu tempo, a Primeira Guerra Mundial, a ida dos seminaristas para o *front*, foi vista com bons olhos para a estruturação da vida religiosa dos jovens em relação a sua entrega a Maria e também como meio de livrar sua pátria dos seus inimigos. E a guerra foi posta como melhor ocasião para exercitar a busca pela santidade.

Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Amo aos que me amam. Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério os vossos propósitos. **Agora tendes a melhor ocasião para demonstrá-lo. Conforme o plano da Divina Providência a grande guerra européia é meio extraordinariamente proveitoso na obra de vossa santificação. Está santificação exijo de vós. Ela é a armadura a vos revestir, a espada com a qual deveis libertar vossa pátria de seus poderosos inimigos, colocando-a na vanguarda do mundo antigo.**¹⁷⁷

Aqui percebemos não somente um discurso, nacionalista em defesa da pátria em relação aos outros, que era característico do momento, Hannah Arendt aponta que "[...] os sentimentos nacionais alemães não haviam resultado do genuíno desenvolvimento nacional, mas foram simples reações contra a ocupação estrangeira, [...]"¹⁷⁸

Contudo também percebemos a idéia de renúncia de si em função do sagrado por meio da ida para o *front*, que foi visto como meio de "provar" ao sagrado, ou seja, a Maria, seus verdadeiros propósitos como cristãos, que segundo Peter Berger esta relação de entrega ao outro, pode ser visualizada como uma espécie de masoquismo, retirado do conceito sartriano, de que o masoquismo pode ser visto como uma forma de se reificar, no qual

¹⁷⁶ Ibid., p. 48-49. Grifos nossos.

¹⁷⁷ Ibid., p. 50-51. Grifos nossos.

¹⁷⁸ ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In: **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 197.

[...] a atitude em que o indivíduo se reduz a um objeto inerte e semelhante a uma coisa frente a seus semelhantes, tomados separadamente ou em coletividade ou nos *nomoi* por eles estabelecidos. Nessa atitude a própria dor, física ou mental, serve para ratificar a auto-renúncia até o ponto de se tornar de fato subjetivamente agradável. [...] Sua característica fundamental é a embriaguez da entrega ao outro - completa, abnegada e até auto-destruidora. Toda dor ou sofrimento infligidos pelo outro [...] servem como prova de que houve de fato a capitulação e que sua embriaguez foi real. "Eu nada sou - Ele é tudo - [...] o masoquismo pela auto-renúncia radical, proporciona o meio pelo qual o sofrimento e a própria morte do indivíduo não só achar suportáveis essas experiências mas até as acolher cordialmente. [...]."¹⁷⁹

Essa idéia se torna aparente, no quarto documento analisado denominado *Segundo Documento de Fundação* que foi confeccionado em outubro de 1939, no qual o exemplo de entrega total dado nesse documento esta relacionado à figura de José Engling,¹⁸⁰ e o que é utilizado como "prova" dessa entrega é a oração de consagração que Engling escreveu meses antes de sua morte durante a Primeira Guerra Mundial.

Querida Mãezinha, Mater Ter Admirabilis, **ofereço-me de novo a ti, como holocausto**. Eu te consagro tudo o que sou e o que tenho: meu corpo e minha alma com todas as suas faculdades, meus bens e haveres, minha liberdade e minha vontade. Quero pertencer-te inteiramente. Sou teu. **Dispõe d [sic] mim e de tudo o que me pertence como te aprouver. Se, porém, for compatível com teus planos, concede-me ser vítima pelas tarefas eu deste à nossa Família.**¹⁸¹

Outro modelo a ser seguido como exemplo de entrega total, para esse grupo, é a figura de Maria, no qual para eles, ela fez uma entrega total de si a partir do momento da Anunciação¹⁸²,

Com este ato, repetimos o "Fiat" e o "Ecce Ancilla Domini", que a Mãe de Deus pronunciou na cena da Anunciação. **Nessa hora ela se declarou pronta a aceitar cegamente tudo o que estivesse incluído em sua maternidade, inclusive os golpes do destino permitidos e desejados por**

¹⁷⁹ BERGER, Peter L. O problema da teodicéia. In: **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 67-68.

¹⁸⁰ José Engling foi um dos membros da geração fundadora do Movimento Apostólico de Schoenstatt, e por este grupo ele é visto como modelo e padroeiro, devido à posição de oferecer integralmente ao trabalho religioso e moral. Cf. José Engling: "Documento de fundação vivido". **TABOR EM PÁGINAS**. Revista do Movimento Apostólico de Schoenstatt no Brasil. Ano XIII N° 58 2008, p. 21.

¹⁸¹ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 76. Grifos nossos.

¹⁸² Anunciação: 2. Teol. Mensagem do anjo Gabriel à Virgem Maria, para lhe anunciar o mistério da encarnação (2). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

Deus. Ela nunca revogou a Carta Branca, nem mesmo quando a vontade de Deus a fez fugir dos que tentavam assassinar o seu Filho, [...] ou encerrando-a na solidão de Nazaré, fazendo-a acompanhar o Redentor do mundo em sua via dolorosa; ou ainda, colocando-a debaixo de uma cruz, ao lado do Deus-Homem agonizante. [...] **Ela permaneceu sempre fiel à sua Carta Branca. Estava de pé sob a cruz, quando seu coração materno foi como que transpassado por espada.** Consumiu a sua vida a serviço daquele que a escolhera por sua Mãe, Esposa e Auxiliar. [...].¹⁸³

Nestes dois exemplos citados percebemos qual a função que a Congregação tinha na visão do Pe. Kentenich, aparentemente esse olhar dialoga com a idéia de teodicéia¹⁸⁴ apresentada por Berger, no qual a vida concreta do indivíduo passa a ser afetada diretamente, pois a teodicéia faz com que a experiência limite, como nesse caso a guerra e no caso do exemplo dado da vida de Maria, passe a ter sentido, pois segundo Berger, "[...] Não resta dúvida de que o indivíduo que padece, digamos, de uma moléstia que o atormenta, ou de opressão e exploração às mãos dos seus semelhantes, deseja alívio desses infortúnios. Mas deseja igualmente saber *por que* lhe sobrevieram esses sofrimentos em primeiro lugar. [...]."

185

Esses sofrimentos para o Pe. Kentenich tinha o sentido de obra redentora do mundo, no qual eles como congregados marianos deveriam se apresentar como heróis¹⁸⁶, daquele mundo caótico.

Segundo Maria Helena Rolim Capelato a idéia de sacrifício em prol a um ideal também estava presente no nazismo por meio de sua pedagogia que,

[...] preparava os jovens para a morte. **O juramento feito nos rituais de passagem selava o compromisso de sacrificar a vida pela causa. Como o início da Guerra, os esforços educacionais se voltaram para a formação do futuro soldado.** Nas escolas eram realizados trabalhos práticos em contato com a natureza; estudava-se química dos explosivos, a geografia aplicada à estratégia de combate de exercícios de orientação no terreno; a história focalizava os efeitos de arma e os heróis guerreiros. Faziam parte do

¹⁸³ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 77. Grifos nossos.

¹⁸⁴ Teodicéia: 1. Filos. Termo cunhado por Leibniz (v. *leibniziano*) para designar a doutrina que procura conciliar a bondade e onipotência divinas com a existência do mal no mundo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM.

¹⁸⁵ BERGER, op. cit., p. 70. Grifos do autor.

¹⁸⁶ Heróis aqui são visto como "[...] Figuras intermediárias entre o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens, participantes ora de um ora de outro, os heróis são mais das vezes a criação de um imaginário social que faz desses personagens a encarnação da contradição entre o indivíduo e a lei. Seja lei da natureza, dos deuses ou da sociedade, os heróis, sejam fundadores, culturais, míticos, épicos, trágicos ou romanescos, opõem-se-lhe [sic] encarnado o eterno conflito entre a liberdade (mesmo criativa) do indivíduo e a coercividade da norma." FABIETTI, Ugo. Religião. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 43, Sistemática. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2001, p. 75.

material de escola, livros sobre Esparta ou estórias de homens nórdicos em combate. **Os manuais escolares exaltavam a vitória pelo sacrifício.**¹⁸⁷

Na formação desse herói dentro do Movimento percebemos que a presença da figura de Maria foi vista como a personagem principal da formação desse heroísmo e também de toda a estrutura espiritual desse grupo. No qual Maria é apontada como educadora

[...]

Através de sua intercessão, **ela** [Maria] inflamou em nossas fileiras, heróica aspiração à santidade.

A **ela** devemos o dedicado sentido para a pureza e intangibilidade, o sentido para o desdobramento da paternidade ou maternidade nobre e fecunda e o impulso ao ardente amor a Deus e às almas.

Foi **ela** quem nos presenteou o monumental edifício de nosso sistema ascético e pedagógico que se adapta de modo evidente às peculiaridades do indivíduo e da comunidade, desejadas por Deus. **Ela** nos fez encontrar o ideal pessoal e o ideal de comunidade.

[...]

Ela zelou para que interpretássemos todas as dificuldades da época, como tarefas, e as assumíssemos corajosamente.

[...]

Ela nos educou e formou como família e como indivíduo, assim como somos; conquistou e assegurou-nos o lugar que hoje ocupamos na Igreja.¹⁸⁸

Essa entrega heróica, apresentada aos congregados, neste momento, não estava somente voltada para os padres e seminaristas, já havia se ampliando para homens e mulheres leigas. E era vista como uma dificuldade, para a transformação do homem e consecutivamente do mundo devido à situação caótica apresentada em seu tempo, que diz respeito ao período do início da Segunda Guerra Mundial, período no qual temos com o nazismo, segundo Capelato, a formação de "[...] uma geração voltada para a morte. A violência, a luta, o sangue, a guerra [...]." ¹⁸⁹

Diante dessa situação e, depois de ter trabalhado e apresentado seu projeto de educação, Pe. Kentenich apresenta a idéia de "homem novo", no qual percebemos que são somados todos os posicionamentos anteriormente citados nos documentos de fundação. E essa idéia é apresentada como uma tarefa de grande importância, no qual a entrega total era visualizada pela Carta Branca, vista como meio de manter os princípios morais e religiosos ameaçado pela crise que a sociedade estava passando.

¹⁸⁷ CAPELATO, op. cit., p. 90. Grifos nossos.

¹⁸⁸ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 73-74. Grifos do autor.

¹⁸⁹ CAPELATO, op. cit., p. 86.

Com a Carta Branca assumimos novamente e de maneira mais profunda a séria e pesada tarefa de ajudar a salvar grande número de verdades de importância vital ameaçadas no organismo do pensamento e da vida cristã. **Referimo-nos antes de tudo às tensões entre personalidade e comunidade, liberdade vinculada e vinculação animada; pensamos na sadia ousadia cristã e na vigorosa autonomia; no desinteressado e heróico servir, no espírito de Imaculada e na veracidade, na disposição para a paz e no amor a Deus.** Em resumo, referimo-nos ao novo tipo de homem, ao homem moderno santo da vida diária, como o bom Deus visivelmente o está exigindo de nós pelas situações do tempo, e no-lo apresenta como modelo em José Engling.¹⁹⁰

Esse trecho remonta todo o processo de formação desse grupo e a formação de seu ideal pedagógico, no qual apresentou a formação de uma personalidade livre e ao mesmo tempo vinculada, sadia e cristã, que estava diretamente relacionada à idéia de entrega ao sagrado, no qual o seu objetivo seria uma obra redentora do seu grupo e também da sociedade a qual eles pertenciam. E seu fim seria a formação deste tipo de ser humano dentro dos círculos do Movimento Apostólico de Schoenstatt, que está afirmada nos seguintes termos:

Por fim, recordamos que a situação de nosso povo requer de nós, em todos os sentidos, com imperiosa necessidade, o que o evangelho chama de "conselhos evangélicos", e a ascese denomina espíritos dos votos, isto é, o desprendimento total magnânimo dos bens matérias, a pureza moral e a obediência fiel baseada em Deus. Se, no sentido da Carta Branca, tomarmos a sério, mais do que até agora, as contribuições ao Capital de Graças, não nos será difícil de, através delas, conquistarmos com mais profundidade o espírito dos votos em nossa vida prática e cultivá-lo com mais ardor e conseqüência. **Elas hão de tornar valiosa as exigências da época para a nossa aspiração à santidade e nossa Obra de Schoenstatt.**

¹⁹¹

Dentro desses objetivos percebemos que o "homem novo" tem como alicerce, a Congregação Mariana, que posteriormente se tornou o que conhecemos hoje, como o Movimento Apostólico de Schoenstatt. No qual a figura de Maria por meio do Santuário, é vista como aquela que modela e estrutura todo e qualquer ser humano que ali se puser ao seu serviço. E visualizamos também que a construção desse ideal, marcado pelos *Documentos de Fundação*, foi construída por meio de rituais¹⁹².

¹⁹⁰ KENTENICH, 2002, op. cit., p. 91-92. Grifos nossos.

¹⁹¹ Ibid., p. 94. Grifos nossos.

¹⁹² O termo ritual é aqui visualizado como: "O rito, com efeito, é um conjunto de ações [sic] materiais e simbólicas dotadas de uma eficácia que se situa a diversos níveis da experiência. Poder-se-ia dizer que o rito recorta transversalmente a experiência social estruturando-a por meio de processos simbólicos que são muitas vezes redundantes, extremamente complexos e, por conseguinte, aparentemente incoerentes." FABIETTI, Ugo. Rito. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 43, Sistemática. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2001, p. 79.

Visto que os *Documentos de Fundação* estão relacionados a algum tipo de comemoração: o primeiro se refere à nomeação de Pe. Kentenich como diretor espiritual; o segundo documento marca a fundação da Congregação Mariana que posteriormente veio a formar o Movimento aqui estudado; o terceiro documento apresenta a entrega da Capela de São Miguel aos cuidados da Congregação e o quarto é uma carta comemorativa dos 25 anos de fundação do Movimento a partir da data de entrega da Capela em seus cuidados. E dois deles também estão relacionados a fatos de seu tempo como as duas Guerras Mundiais, as quais são tratadas dentro do seu conteúdo.

Segundo Ugo Fabietti, o rito também pode "[...] vir a constituir o campo de uma actividade [sic] reflexiva, (mais ou menos consciente) sobre os aspectos da vida social que directa [sic] ou indirectamente evoca. [...]"¹⁹³. Assim podemos apontar uma relação do sagrado com o profano na confecção dos documentos desse grupo religioso. Que dialoga com a idéia apresentada na análise de Jacques Le Goff, em relação às teorias durkheimianas que dizem: "[...] que o sagrado é social, e, portanto subordinado à história, e que a dialéctica [sic] sagrado/profano, sacralização/dessacralização permite ao mesmo tempo fazer uma história do sagrado e esclarecer o processo histórico global."¹⁹⁴

Neste caso em específico visualizamos esta relação sagrado/profano, nos ideais de formação do "homem novo", que de certa forma dialogava, como o imaginário social do período. Que era de formar homens heróis, vinculados a sua pátria e com os seus iguais, e que refletiu no movimento como um homem religioso, vinculado ao sagrado e moralmente formado. Verificamos que seus documentos, trazem não somente a memória por eles construída como é tratado no primeiro capítulo, mas também que ela é uma produção dos posicionamentos que esse grupo tinha em relação a sociedade a qual pertencia. No qual constatamos o que Le Goff fala em relação a memória étnica que segundo o autor essa, "[...] assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas [...]"¹⁹⁵

¹⁹³ Ibid., p. 81.

¹⁹⁴ LE GOFF, 2001, op. cit., p. 92.

¹⁹⁵ LE GOFF, 2003, p. 420. Ibid., p. 422.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Apostólico de Schoenstatt, que nasceu em uma comunidade Palotina alemã, dentro da hierarquia da Igreja Católica no início do século XX, por meio de seu fundador pôs-se a refletir sobre a sua sociedade e seu tempo, de modo que elaborou durante seu desenvolvimento um modelo pedagógico para a formação de seus adeptos no qual o seu objetivo final era a formação de pessoas por um viés religioso e moral.

Esse projeto pedagógico foi construído dialogando com as situações sociais que lhe eram impostas e ao mesmo tempo sendo reflexo de sua nação. Inicialmente Pe. Kentenich se deparou com as dificuldades de relacionamento entre os jovens seminaristas e os superiores da escola religiosa de Schoenstatt. De acordo como Engelbert Monnerjahn, o Pe. Josef Kentenich se tornou diretor espiritual dos jovens seminaristas no momento em que houve mudanças no seminário.

Os jovens deixaram a antiga escola em Ehrenbreitstein e foram para o seminário em Vallendar. Esse momento de transição foi vista pelos jovens como um meio de lhes privarem de sua liberdade. Segundo o autor a nova escola possuía regras rígidas aos estudantes mais velhos, e "[...] Exigia-se deles, em relação às classes mais jovens, uma observância exata dos estatutos. Faltas contra a ordem eram castigadas imediatamente e com rigor, mesmo, em certos casos, com severos castigos físicos. Os alunos opuseram-se a tal prática pedagógica [...] Sua atitude revolucionária expressou-se em frases [...] como: "Uma casa onde não reina a alegria deve ser fechada imediatamente".¹⁹⁶

Foi nestas circunstâncias que Pe. Kentenich assumiu o posto de diretor espiritual e também apresentou seu método de ensino, que pode ser resumido na seguinte frase. "Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos, para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais."¹⁹⁷

Pe. Kentenich primeiramente se pôs a dialogar com os anseios desses jovens, mas percebemos que em sua fala ele passou também a dar forma e sentido às dificuldades existentes nessa relação. E assim consecutivamente passou a acontecer na história do Movimento em momentos de crises, seja ela interna ou externa ao grupo, como no caso das duas Grandes Guerras.

¹⁹⁶ MONNERJAHN, op. cit., p. 51.

¹⁹⁷ KENTENICH, Pe. **Documentos de Schoenstatt**. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt. 2002, p. 13.

Dessa forma, portanto podemos ver este grupo enquanto grupo religioso, que possui uma função social, assim como:

[...] manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimamente tem, contudo, outra importante dimensão – a integração em um *nomos* compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida. [...].¹⁹⁸

É visível também durante o processo de desenvolvimento desse grupo religioso, a estreita relação com o seu contexto social, não somente em relação aos eventos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, mas também com o cotidiano dessa sociedade. Torna-se presente, a utilização e adaptação de termos para o uso localizado do seu grupo, como por exemplo, os títulos dados as várias divisões existentes no Movimento, como Liga e União, e também a particularidade de se unirem em pequenos grupos, coisa comum na sociedade alemã.

Ou seja, na construção de sua memória feita na confecção dos *Documentos de Fundação*, visualizamos um diálogo como as situações de sua contemporaneidade, o qual possibilitou a nós adotarmos a idéia que é apresentada por Boas de que o indivíduo e a sociedade só podem ser compreendidos quando visualizados em suas relações. E assim concebemos esse grupo.

Além disso, ele nos apresentou questões sobre seu período histórico, neste caso em específico, nos trouxe questionamentos sobre a idéia de homem novo ou de homem ideal, e como essa idéia passou a ter relevância para essa sociedade. Percebemos que esse ideal foi uma construção histórica e social incrustado pelos grupos dominantes no imaginário da população.

Essa construção aconteceu devido à unificação da Alemanha em fins do século XIX, pois se achou necessário a formulação de uma sociedade que se reconhecesse enquanto nação¹⁹⁹ e, de acordo com o que foi apresentado por Norbert Elias, houve um processo de implantação de símbolos para estimular esse reconhecimento.

Nessa constituição de símbolos para a formação de uma identidade percebemos a construção do homem ideal, no qual suas características fundamentais expressavam a idéia de

¹⁹⁸ BERGER, Peter Ludwig. *Religião e Manutenção do Mundo*. In: **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985, p. 55.

¹⁹⁹ Segundo Eric Hobsbawm, a idéia de nação [...] estava ligada – e inevitavelmente – àquele fenômeno característico do século XIX, o “Estado-nação”.

"[...] ou seja, o patriotismo nacional e, pelo menos para certos fins cidadãos lingüística e administrativamente homogêneos, com especial urgência e zelo. [...]. HOBSBAWM, 1988, op. cit., p. 212 e 214.

um passado comum, a valorização de seu idioma, da pátria por meio da relação com o solo e a idéia de um povo livre, nobre e viril.

Annie Dymetman apontou que essas idéias foram retomadas no período posterior a Primeira Guerra, no qual vimos que foram utilizadas como objetivo final no projeto político-cultural do nazismo.

Idéias estas que foram apresentadas e trabalhadas pela propaganda, educação e as artes, no qual o nacional-socialismo utilizou e adaptou algumas figuras que poderiam por meio de seu trabalho contribuir para a construção de seu ideal de nação e de população, neste caso identificamos a releitura das obras de Richard Wagner.

Assim como o nazismo o Movimento Apostólico de Schoenstatt, utilizou-se também da idéia de homem ideal, que por eles foi denominado de homem novo. Esse ser humano que eles queriam e ainda querem formar tem como alicerce não a origem comum fundamentadas pelas teorias biológicas relacionadas ao sangue, mas sim pela devoção a Maria.

Dessa forma eles também elaboraram um método de educação, o qual é composto por uma educadora, um local de educação e um método de ensino. Dentro desta perspectiva Maria passou a ser vista como educadora, a capela que posteriormente se tornou santuário local de educação e o método seria a idéia de auto-educação e o resultado dessa soma de fatores levaria a formação de um homem fosse:

[...] **homem-vinculado:** capaz de amar e desenvolver ao máximo sua capacidade de vincular-se pessoalmente a Deus, às pessoas e às coisas.

Homem novo é o homem interiorizado personalizado: em plena posse de si mesmo. O homem novo preocupa-se com a vida interior, com a sua alma e pauta sua vida por princípios. ... "É livre, sabe decidir-se pelos mais altos ideais religiosos."

É o homem mariano que coloca sua vida e tudo o que lhe pertence sob a proteção de Maria. [...].

É o homem comunitário que procura viver em função do outro. Sabe ceder a uma opinião, valorizar o que os outros fazem, respeitar e aceitar o outro em sua originalidade.

É o homem livre, [...].

O homem livre pode fazer o que os outros fazem, desde que seja por decisão interior.²⁰⁰

Em oposição ao homem velho que é por eles visualizado como um desvinculado de Deus e da sociedade em que vive, um homem que perdeu o núcleo de sua personalidade, vive

²⁰⁰ LIGA APOSTÓLICA FEMININA, op. cit., p. 36-37. Grifos nossos.

embriagado com opiniões, percepções e maravilhas do mundo e não consegue se enraizar, se torna um homem manipulado pela propaganda, economia ou a política.

Mas a formação desse homem desvinculado em um homem interiorizado, mariano e comunitário só seria possível com a idéia de entrega de si como sacrifício, utilizando do trabalho de Peter Berger, nós consideramos que esta idéia é uma forma específica de masoquismo e também de teodicéia que tentou atribuir ao sofrimento proposital ou não, um sentido e, no caso específico do Movimento este sentido estava relacionado a uma obra redentora do mundo por meio da transformação do homem.

Por meio do auxílio da antropologia e da geografia tivemos a possibilidade apresentar como se deu a construção da idéia de homem novo dentro deste grupo religioso. Nos moldes da história social, que segundo Hebe Castro "[...] seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem [é aquela] que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individualização dos comportamentos e identidades coletivos - *sociais* - na explicação histórica. [...]"²⁰¹ No qual pudemos também apontar que a ação do homem e até mesmo as manifestações religiosas, podem ser vistas como "[...] 'textos', passíveis de serem culturalmente interpretados, [...]"²⁰²

²⁰¹ CASTRO, Hebe. História Social. In: FLAMARION, Ciro Cardoso, VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 54.

²⁰² *Ibid.*, p. 52.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Sobre La Pergunta “¿Qué es alemán? In: **Consignas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1969. p.96-106.

ANTUNES, Jair. Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do trágico. **Revista Trágica**, n. 2 pp. 53-70. 2º semestre 2008. Disponível em: <http://trágica.org/artigos/02/04_jair_antunes.pdf>. Acesso em: 09 set. 2009.

ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In: **Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Tradução Robert Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 188-214.

_____. Imperialismo Continental: os movimentos de unificação. In: **Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Tradução Robert Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 253-299.

BACZKO, Bronistaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. V. 5, Anthropos-Homem (Dir. Ruggiero Romano), 1985. pp. 296-332.

BERGER. Peter Ludwig. Religião e construção do mundo. In: **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. pp. 15-41.

_____. O problema da teodiceia. In: **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. pp. 65-92.

_____. Religião e manutenção do mundo. In: **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. pp. 42-64.

BOAS, Franz. Alguns problemas da metodologia nas ciências sócias. In: **Antropologia cultural**, 3. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006. pp. 53-66.

BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 203-233.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: **Revista USP**. Dossiê 50 anos de Final de Segunda Guerra. Coordenadoria de Comunicação Social de São Paulo. São Paulo, n. 26, jul./ago. 1995. pp. 82-93.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, Identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, jul. de 2003. p. 283-302.

CASTRO, Hebe. História Social. In: FLAMARION, Ciro Cardoso, VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. pp. 45-59.

CONTIER, Arnaldo Daraya. Arte e Estado: Música e Poder na Alemanha dos Anos 30. In: **Revista Brasileira de História**. Sociedade & Cultura. São Paulo: ANPHU/Marco Zero. V. 8, n.15, pp. 107-122, set. 1978/fev. 1988.

_____. Tragédia, Festa, Guerra: os coreógrafos da modernidade conservadora. **Revista USP**. Dossiê 50 anos de Final de Segunda Guerra. n. 26, pp. 20-42, São Paulo, jun. jul. ago. 1995.

D' ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**. Memória, História, Historiografia. Dossiê ensino de História. São Paulo: ANPHU/Marco Zero. V. 13, nº 25/26, pp. 97-103, set. 1992/ago. 1993.

DYMETMAN, Annie. Arquitetura da Exclusão Absoluta: três formas de particularismo universalista. In: **Uma arquitetura da indiferença**: A república de Weimar. São Paulo: Perspectiva. 2002. pp. 55-92.

ELIAS, Norbert. Duelo e filiação na classe dominante imperial: exigir e dar satisfação. In: **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997. pp. 52-115.

FABIETTI, Ugo. Religião. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Vol. 43, Sistemática. (Dir. Ruggiero Romano) 2001. pp. 68-78.

_____. Rito. **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. V. 43, Sistemática. (Dir. Ruggiero Romano) 2001. pp.79-89.

FAUSTO, Boris. A interpretação do Nazismo, na Visão de Norbert Elias. **Mana** 4(1), [S.l.: s.n.], pp. 141-152. 1998.

FELIX, Ana Paula de Oliveira. **Josef Kentenich e o movimento apostólico de Schoenstatt**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa associado UEL/UEM, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná: 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0** [s.l.] Positivo Informática Ltda., 2004. 1CD-ROM

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. In: **Revista Brasileira de História**. Espaço Plural. São Paulo: ANPHU/Marco Zero. V. 14, n. 28, 1994. pp. 180-193.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989. pp. 65-91.

_____. "Ethos", Visão do Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989. pp. 93-103.

HOBBSAWM, Eric J. Bandeiras desfraldadas: Nações e Nacionalismo. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. pp. 203-232.

_____. As artes transformadas. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1988. pp. 307-337.

_____. Certezas solapadas: As Ciências. **A era dos Impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. pp.339-362.

_____. Razão e sociedade. **A era dos Impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. pp. 362-381.

_____. Da paz à guerra. **A era dos Impérios 1875-1914**. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. pp. 417-451.

JOSÉ Engling: "Documento de fundação vivido". **Tabor em Páginas**. Revista do Movimento Apostólico de Schoenstatt no Brasil. Ano XIII Nº 58 2008, p. 21.

KENTENICH, Pe. José. **Linhas fundamentais de uma Pedagogia moderna para o educador católico**. Tradução Movimento Apostólico de Schoenstatt. Santa Maria; Rio Grande do Sul, 1984.

_____. **Documentos de Schoenstatt**. 5. ed. Atibaia, São Paulo: Instituto Secular das Irmãs de Schoenstatt, 2002.

LE GOFF, Jacques. Sagrado/Profano. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 43, Sistemática. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2001. pp. 90-103.

_____. Memória. In: **História e memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Unicamp. 2003. pp. 419-476.

_____. Documento/Monumento. In: **História e memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Unicamp. 2003. pp. 525-541.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 167-182.

LIGA APOSTÓLICA FEMININA. **Programa de introdução em Schoenstatt**. [S.l. s.n.] [entre 2000 e 2005].

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, pp. 33-53, Editora UFPR. 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewfile/7861/5542>>. Acesso em: 2 set. 2009.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista de estudos históricos**. Rio de Janeiro: v. 11, # 21, 1998. pp. 89-104. Disponível em: <www.cpdr.fgr.br/revist/arq/238.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2008.

MONNERJAHN, Engelbert. **Padre José Kentenich**. Uma vida pela igreja. Tradução de Padre Gilberto Cavani. Santa Maria; Rio Grande do Sul: Palloti, 1977.

POLIAKOV, Léon. Alemanha: A Língua e a Raça. In: **O mito ariano**. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva. 1974. pp. 65-101.

_____. Os Países Germânicos: a imagem do judeu. In: **A Europa suicida: 1870-1933**. História do Anti-semitismo IV. São Paulo: Perspectiva. 1985, pp. 03-28.

_____. Primeira Guerra Mundial. In: **A Europa Suicida: 1870-1933. História do Antissemitismo IV.** São Paulo: Ed. Perspectiva. 1985, pp. 131-153.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200-212. 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2009.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Raça, Etnia, Nação. In: **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998, pp. 33-54.

_____. Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. In: **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998, pp.187-227.

RICHARD, Lionel. **A república de Weimar, 1919-1933.** São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1988.

SAMARA, Eni da Mesquita e TUPY, Imênia S. Silveira. Trabalho com o documento. In: **História, documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 67-116.

_____. A leitura crítica do documento. In: **História, documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 117-141.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a História e o esquecimento. In: **História memória e literatura.** O testemunho na era das Catástrofes. Campinas, São Paulo: Unicamp. 2003, p 59-89.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia e o meio ambiente. In: **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Ed. DIFEL. 1980, pp., 106-128.

_____. Do cosmo à paisagem. In: **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL. 1980, pp., 148-171.

WAGNER, Richard. **Beethoven.** Tradução Theodomiro Tostes. Porto Alegre: L&PM. 1987.

_____. **A arte e a revolução.** Tradução José M. Justo. 2. ed. Lisboa: Edições Antígona. 2000.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **As profundezas do intangível**: relações entre o anti-semitismo religioso e o anti-semitismo "científico" na justificativa nazista para a Shoah. [S.l.: s.n.] [2008?]. Disponível em: <http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/files/active/0/aula_1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2009, pp. 1-17.